



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RAÍSSA VALE MIRANDA CAVALCANTE

**NUANCES DO MASCULINO EM JOSÉ LINS DO REGO:
A TRAJETÓRIA DO PERSONAGEM RICARDO**

JOÃO PESSOA

2020

RAÍSSA VALE MIRANDA CAVALCANTE

**NUANCES DO MASCULINO EM JOSÉ LINS DO REGO:
A TRAJETÓRIA DO PERSONAGEM RICARDO**

Dissertação de mestrado apresentada por Raíssa Vale Miranda Cavalcante como requisito para obtenção do título de mestre no Programa de pós-graduação em Letras da UFPB, com a área de concentração Literatura, teoria e crítica e linha de pesquisa Estudos Culturais e de Gênero.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Marinho

JOÃO PESSOA

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C376n Cavalcante, Raíssa Vale Miranda.

Nuances do masculino em José Lins do Rego : a trajetória do personagem
Ricardo / Raíssa Vale Miranda Cavalcante. - João Pessoa, 2020.
57 f.

Orientação: Ana Cristina Marinho Lúcio. Dissertação
(Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. José Lins do Rego. 2. Literatura - Teoria e crítica.
3. Masculinidades - Literatura brasileira. I. Lúcio, Ana Cristina Marinho. II.
Título.

UFPB/BC

CDU 82(043)

AGRADECIMENTOS

À querida orientadora Prof^a. Dra. Ana Cristina Marinho, pela confiança em mim depositada, pela oportunidade de compreender os estudos de gênero, pelos percursos desde a graduação no auxílio do meu amadurecimento acadêmico, pela atenção, cuidado, paciência, perspectivas, esclarecimentos, generosidade e compreensão.

Aos professores Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes e Prof^a. Dra. Rinah de Araújo Souto, pelas esclarecedoras contribuições e novas perspectivas apontadas na qualificação e pelo tempo dedicado a nossa pesquisa na etapa da defesa.

Aos professores e colegas do PPGL.

À Capes, pela bolsa de fomento à pesquisa.

A meu filho Ariel, pela compreensão na minha ausência, nem sempre física.

A meus familiares e amigos, pelo carinho e apoio em todas as etapas.

RESUMO

A discussão a respeito das masculinidades na literatura brasileira é relativamente recente no campo dos estudos culturais. Na literatura regional, é possível encontrar a representação literária de um masculino árido como a terra, o cabra-da-pestes. Encontra-se, porém, nas obras de José Lins do Rego um protagonista, o personagem Ricardo, que encerra em si nuances transitórias do masculino, ora voltadas para o que é convencional socialmente enquanto pertinente ao gênero feminino e ora voltadas para o que é convencional socialmente enquanto gênero masculino. O presente trabalho busca investigar a identidade de gênero masculina nos romances “O Moleque Ricardo” (1935) e “Usina” (1936) de José Lins do Rego. A fim de cumprir com esse objetivo, o trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro se trata de um panorama histórico sobre a construção social da masculinidade a partir das contribuições, principalmente, de Oliveira (2004), Connell (2013) e Badinter (1993). No segundo capítulo, o olhar será vertido sobre a contribuição da categoria espacial enquanto metodologia topoanalítica complementar para a construção do personagem Ricardo, tomando como referências Albuquerque Júnior (2013), Bakhtin (2018) e Bachelard (1993). Por último, no terceiro capítulo, é produzida uma análise sobre as relações entre alguns personagens das narrativas, principalmente entre aqueles com os quais Ricardo se envolveu afetivamente. Para tanto, serão tratadas as análises empreendidas por Elizabeth Badinter (1993), Pierre Bourdieu (2002) e Nolasco (1993).

Palavras-chave: Masculinidades. José Lins do Rego. O Moleque Ricardo. Usina.

ABSTRACT

The discussion about masculinities in Brazilian literature is relatively recent in the field of cultural studies. In regional literature, it is possible to find the literary representation of an arid like the land male, the "cabra-da-pestes". However, there is in José Lins do Rego's works a protagonist, the character Ricardo, who has in himself transient nuances of the masculine, sometimes closer to what is socially agreed upon as pertinent to the female gender and other times closer to what is agreed upon socially as the male gender. The present paper seeks to investigate the masculine gender identity in the novels "O Moleque Ricardo" (1935) and "Usina" (1936) by José Lins do Rego. The research is divided into three chapters. The first one is a historical overview of the social construction of masculinity from the contributions, mainly, of Oliveira (2004), Connell (2013) and Badinter (1993). In the second chapter, the focus will be on the contribution of the spatial category as a complementary topoanalytical methodology for the construction of the character Ricardo, taking Albuquerque Júnior (2013), Bakhtin (2018) and eBachelard (1993) as references. Finally, in the third chapter, there's an examination of the relationships between some characters in the narratives, especially among those with whom Ricardo became emotionally involved. For this, the analyzes of Elizabeth Badinter (1993), Pierre Bourdieu (2002) and Nolasco (1993) were discussed.

Keywords: Masculinities. José Lins do Rego. O Moleque Ricardo. Usina.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	MASCULINIDADES: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS E CONTEXTUAIS	14
2.1	A Consolidação do Ideal Masculino	14
2.2	A Masculinidade Hegemônica	17
2.3	Os Estudos de Gênero e a Discussão sobre Masculinidades	20
2.4	A Identidade de Gênero Masculina	23
3	A CONTRIBUIÇÃO DO ESPAÇO PARA A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM	27
4	OS AMORES DE RICARDO	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

O interesse em compreender as teorias de gênero surgiu a partir do contato com teorias feministas e sua observação da representação da mulher na literatura por um olhar masculino, no qual estão inscritas boa parte das obras consideradas canônicas pelos críticos literários. Componentes identitários constituintes do gênero feminino foram alvo de um direcionamento do caráter da mulher nessas literaturas que presumidamente eram lidas pelo público masculino (ZOLIN, 2009). Desse modo, a literatura enquanto meio de construção cultural de significados servia à manutenção do patriarcado e da dominação masculina, conferindo à mulher papéis subservientes em relação ao homem.

Dentro das obras literárias canônicas, pode-se encontrar numerosos exemplos de como essa construção social do caráter da mulher dentro da composição dos personagens foi moldada de modo a servir à cultura do patriarcado. Isso se dá com a obra “Lucíola”, de José de Alencar. Publicada em 1862, a obra em questão retrata negativamente o comportamento audacioso da protagonista Lucíola. O narrador e também personagem se chama Paulo e se apaixona pela prostituta Lucíola. Porém, ele se refere a ela com censuras, retratando-a como “ambiciosa, sem caráter e avarenta como também lúbrica e depravada” (ALENCAR, 2012, p. 59). No entanto, conforme a narrativa descreve, Lucíola, inicialmente Maria da Glória, fora abusada aos quatorze anos por seu vizinho, que em troca lhe deu algumas moedas de ouro. Ela as usou para pagar o tratamento médico da família, vítima de febre amarela. Depois disso, ela foi expulsa de casa e encontrou na prostituição uma forma de sobrevivência.

É importante considerar a importância que havia em torno da virgindade, a “honra” da mulher no século XIX. Tal valor não é muito diferente nos dias atuais, quando se trata de controle da conduta feminina. Na narrativa de Alencar, quando o pai de Maria da Glória tem conhecimento da origem do dinheiro que salvara a sua vida, ele expulsou a filha de casa. O resultado não teria sido muito diferente em outra narrativa na qual a jovem perdesse a virgindade, mesmo não envolvendo dinheiro e abuso.

O romancista José de Alencar, segundo Alfredo Coutinho (1996), é o percussor de uma tradição literária que se preocupa com a crítica social de sua época, descrevendo com grande riqueza de detalhes os costumes daquele momento histórico. A ficção alencariana é subdividida em duas vertentes: a primeira é histórica e regional; já a segunda é psicológica e costumista (referente aos costumes da época). Essas vertentes, porém, não são completamente estanques, podendo ser intercambiáveis (COUTINHO, 1996, p. 266). O romance regional de José Lins do Rego é proveniente dessa tradição.

Também na literatura de José Lins do Rego é possível encontrar esses papéis femininos subordinados à cultura patriarcal. Em “Fogo Morto” (1943), o romancista apresenta o drama de duas mulheres que não se casaram: as “solteironas”. Marta e Neném são profundamente objetificadas durante a narrativa. Há um silenciamento das vozes dessas personagens. Seus interesses são traduzidos através das falas paternas. Além disso, elas possuem em comum o mesmo destino trágico: não casar, uma afronta ao regime patriarcal. Segundo as pesquisadoras Mirian Cardoso Silva e Wilma dos Santo Coqueiro (2011), “o papel da mulher, nessa sociedade consistia portanto, apenas em dar continuidade à família, impelindo-a ao papel de mãe, serva submissa, incapaz de ser feliz, ou de alcançar qualquer desejo que fosse” (p. 13).

Portanto, mesmo num curto período temporal dentro da história da literatura, porém sendo tempo suficiente, num período de quase 100 anos entre as publicações das obras, poderia haver grandes mudanças para o comportamento exigido das mulheres devido ao grande número de acontecimentos históricos que mobilizaram a sociedade neste mesmo período. No entanto, observa-se que há uma conduta para o gênero feminino validada pela sociedade, a exemplo de Marta e Neném, e outra rechaçada, a exemplo de Lucíola.

Por outro lado, há também um condicionamento para os papéis desempenhados pelos homens na representação literária. Estes papéis refletem convenções sociais a que os homens estão submetidos, sob uma ordem de uma masculinidade hegemônica que se mantém relacionada a um sistema de poder simbólico, conforme elucidado pelo sociólogo Pierre Bourdieu no emblemático “A Dominação Masculina” (2002). Esse livro que será de grande contribuição para o desenvolvimento dessa pesquisa. Nesse texto, Bourdieu apresenta de forma esclarecedora o modo como a sociedade institui e mantém um paradigma de masculinidade hegemônica que oprime todos aqueles que não se configuram nesse molde estabelecido. Isso se dá com o objetivo de manutenção do poder patriarcal. O poder simbólico referido se trata do poder exercido dentro de uma relação entre os que exercem o poder e os que se sujeitam a ele de modo quase inconsciente.

Essa pesquisa sobre masculinidades possui o intuito de lançar um olhar para a construção de gênero na literatura de José Lins do Rego, a fim de esclarecer comportamentos enraizados na cultura local que servem de sustentáculo para um conjunto de desequilíbrios que permanecem nas relações humanas até os dias de hoje.

Com raízes na oralidade, a obra do escritor José Lins do Rego conduz a uma representação de tradições profundamente arraigadas na cultura local. De modo quase autobiográfico, o escritor constrói um personagem que simboliza a figura do patriarca, o coronel José Paulino, detentor de todo poder dentro do limite de suas terras, símbolo da masculinidade

hegemônica. Dentre as obras do escritor paraibano, foram escolhidas “O Moleque Ricardo” (1935) e “Usina” (1936), por serem as primeiras obras do autor nas quais o protagonista não é o senhor de engenho e sim um dos filhos de escravizados. “O Moleque Ricardo” é uma representação do que pode ser chamado de romance de formação. O leitor acompanha o desenvolvimento e amadurecimento do personagem desde o início da adolescência, passando por algumas retomadas de momentos da infância do personagem.

Nas narrativas supracitadas, tendo foco no personagem Ricardo, encontram-se artifícios que ajudam a compreender a construção das masculinidades. O protagonista das narrativas lida com diversos conflitos internos e externos que estão cristalizados em duas citações dentro da narrativa: “O moleque tinha o caráter como o diabo” e “Um coração feito mais de carne que os outros” (REGO, 2003, p. 49). Essas duas constatações estão orientadas para caminhos distintos dentro do que se constitui culturalmente como identidade de gênero: a primeira orientada é para o masculino e a segunda para o feminino. Razão e emoção representam a possibilidade dessas duas formas de identificação coexistirem. Com base nisso, pode-se considerar a problemática da masculinidade de forma plural, caracterizada em um personagem que se comporta de um modo afetivo e racional, entrando em confronto com um dizer corrente da região, o qual afirma que os homens são “cabras-machos”.¹

Esses papéis de gênero, as chamadas identidades de gênero, estabelecidas na representação literária são produtos de sistemas classificatórios, os quais estão no cerne do pensamento estruturalista ocidental e ocorrem por meio da diferença. De acordo com Kathryn Woodward, no livro “Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais”, as identidades são:

Fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social - são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. (2012, p. 40)

Ainda segundo a autora, um sistema classificatório “aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos – nós/eles; eu/outro” (2012, p. 40). Nesse sentido, da diferença enquanto constituinte identitário, esta pesquisa pretende pensar o conceito de masculinidade utilizando a ideia de que a ordem social é mantida por meio de binarismos que pressupõem

¹ Sobre este aspecto da cultura regional, será utilizado, no segundo capítulo, os estudos de Honório (2012) e Albuquerque Junior (2003).

hierarquias e se configuram na constituição social dos gêneros feminino/masculino e das masculinidades hegemônica/subalterna.

Segundo a historiadora Karen Griffin (2005)², os referenciais para esse esquema dual que divide homens e mulheres em seres opostos são, primeiramente que o homem seja:

Racional, ativo no público, na produção da ciência e da cultura, provedor, sexualmente “irresponsável”, poderoso, universalizado na sua dominação, Homem com ‘H’ maiúsculo. O outro lado da moeda é a Mulher, emotiva, voltada ao mundo privado da reprodução dos filhos, cuidando das relações de afeto, sexualmente passiva, dependente, obediente, universalizada na sua opressão. (GRIFFIN, 2005, p. 48)

Os estudos sobre masculinidade são considerados um campo recente de estudos literários. Logo, isso justifica a importância da ampliação do debate para a construção de perspectivas acadêmicas dentro da área. Em seu artigo intitulado “Fundamentos para a Pesquisa sobre Masculinidades e Literatura no Brasil”, publicado na revista *Estação Literária*, em 2016, o professor Luís Carlos Santos Símon afirma que, no Brasil, no âmbito dos estudos literários, há pouca ênfase no estudo das masculinidades, quando se compara a outros países. Apenas na década de 1990, com a publicação de “O Mito da Masculinidade”, do psicólogo Sócrates Nolasco³, começam a aparecer as primeiras explorações nesse sentido, ou seja, há um vasto campo a ser investigado na literatura brasileira.

A raiz dessa escassez sobre o tema pode estar relacionada a uma das questões envolvidas na discussão sobre masculinidades. Conforme elucidada o sociólogo Daniel Welzer-Lang, um dos obstáculos para as pesquisas nesse sentido está no cerne do controle e da dominação masculina. Esse entrave é assim resumido por Welzer-Lang (2004, p. 12): “[É possível] que os pesquisadores deixem para trás o tradicional hábito masculino de não falar de si, de o querer ‘trair’ os segredos que eles partilham, enfim que os pesquisadores comecem a se interessar pelo seu gênero” (*apud* SÍMON, 2016, p. 10). Destarte, perpetua-se a sacralização do masculino. Woodward (2012) fornece a elaboração do conceito do sociólogo Emily Durkheim acerca do sagrado e de suas implicações na cultura: “Os artefatos e ideias são sagradas apenas porque são simbolizados e representados como tais (...) porque corporificam as normas e os valores da sociedade, contribuindo, assim, para unificá-la culturalmente” (WOODWARD, 2012, p. 4).⁴

² Griffin apresenta um panorama histórico elucidativo sobre a inserção dos estudos sobre masculinidades no seu texto intitulado “A Inserção nos Estudos de Gênero: Contribuições de um Sujeito Histórico” (2005)

³ NOLASCO, Sócrates Alvares. **O mito da masculinidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

⁴ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 07-72.

Por conseguinte, esse silêncio é o baluarte da supremacia e dominação masculina. Nas palavras de Simon (2016):

O (suposto) desinteresse pelo próprio gênero é uma espécie de avesso da invisibilidade: a dominação masculina existe, é real, mas é também naturalizada, o que teria como equivalente sustentar que sobre ela não há nada a declarar ou, ainda, o que é pior, que se deve silenciar a respeito da dominação para que ela prossiga em sua rota, incólume. (p. 10)

Foi necessário que as mulheres quebrassem o silêncio, questionando os padrões sociais a que estavam submetidas com o sistema patriarcal para a desfragmentação dessa hegemonia. Com o movimento feminista, a identidade masculina calcada na diferença entra em desequilíbrio. Um dos produtos da desconstrução dos moldes sociais a que as mulheres estavam submetidas é uma recente crise da masculinidade, a qual já existia, mas irrompe inadvertidamente.

Esse é um ponto importante nas discussões que envolvem masculinidades e está inscrito de forma subjacente por toda a pesquisa. O homem foi objeto de estudos seguindo um modelo de masculinidade hegemônica que se configura até os dias atuais e é fonte de diversos conflitos na própria esfera masculina.

Esta crise está vinculada às relações de gênero, de poder e, além disso, às movimentações sofridas nas identidades de gênero femininas. Reitera-se aqui o posicionamento de que a identidade se constitui na diferença. Baseada nesse conceito, a socióloga Elizabeth Badinter (1993) apresenta uma definição de masculinidade que servirá para o capítulo de análise das relações afetivas entre os personagens dos romances. Badinter afirma que a identidade masculina se compõe a partir da contrariedade de três outras identidades: o homem não é um bebê, não é uma mulher e nem um homossexual (1993, p. 34).

A discussão a respeito da relação entre homossexualidade e masculinidade aparecerá mais adiante nos capítulos de fundamentação teórica e análise. Sob estes aspectos, serão utilizadas também as considerações do sociólogo e antropólogo francês Pierre Bourdieu, em seu estudo intitulado “A Dominação Masculina” (2002). Ele aborda toda a problemática que envolve as relações de poder pautadas na dialética dominador/dominado, desenvolvendo o modo como essas relações legitimam os papéis de gênero dentro da sociedade. A crítica feminista e os estudos sobre masculinidade lançam olhares para o entendimento das bases dessas construções sociais e literárias a respeito da masculinidade.

O crítico literário Antonio Candido escreve, a respeito da literatura de José Lins do Rego, um ensaio intitulado “Um Romancista em Decadência”, no qual elabora uma classificação para os personagens e ambientes das obras do escritor. A respeito dos

personagens, Candido os classifica em “heróis de decadência ou de transição, tipos desorganizados pelo choque de um passado divorciado do futuro” (1945, p. 392). Conforme essa classificação, é possível considerar que essa transição ocorre no momento em que o personagem sai do engenho para a cidade do Recife. Isso o dissocia no passado. No entanto, ao mesmo tempo, esse choque o mantém ligado a esse lugar idílico ao qual sua personalidade se conserva propensa. O personagem não pertence à cidade nem mesmo ao engenho. Continua em transição. Ainda sobre a narrativa do escritor, Candido afirma:

O sr. José Lins do Rego tem a vocação das situações anormais e de personagens em desorganização. Os seus são sempre indivíduos colocados numa linha perigosa, em equilíbrio instável entre o que foram e o que não serão mais, angustiados por essa condição de desequilíbrio que cria tensões dramáticas, ambientes densamente carregados de tragédias, atmosferas opressivas, em que o irremediável anda solto. (1945, p. 392)

A obra “O Moleque Ricardo” (1935) é considerada por Cavalcante Proença (1991), um dos críticos que compõem a fortuna crítica do escritor, o romance satélite do ciclo da cana-de-açúcar. Primeiro romance do escritor narrado em terceira pessoa, “O Moleque Ricardo” é também o primeiro romance do ciclo narrado fora do engenho e que foge completamente do foco da economia açucareira e do *modus vivendi* rural que dava unicidade ao ciclo-da-cana de açúcar.

Portanto, Ricardo não é um personagem masculino qualquer: é um protagonista que inaugura novos aspectos no romance do escritor paraibano. Um personagem subalterno transformado em herói, contrário à hegemonia dominante representada pelo coronel José Paulino, propõe uma ruptura desde o momento em que se retira do engenho. Segundo escreve Villaça no prefácio da 23ª edição do romance, esse é um personagem épico; ela ainda cita Paulo Rónai: “O herói tenta romper o círculo em que o destino o prende e encontrar o seu lugar no Recife, em meio à nascente civilização industrial” (REGO, 2003, p. 21).

O protagonista Ricardo, dos romances “O Moleque Ricardo” (1935) e “Usina” (1936), é filho de “mãe Avelina”, cozinheira da Casa Grande. Ela dispõe de um pequeno roçado que ajuda no sustento dos filhos. Ricardo não conheceu o pai. Seu referencial paterno, como para muitos nascidos nas terras dos engenhos, é o coronel José Paulino. Figura máxima do patriarcado dentro da narrativa, o coronel é descrito pelo narrador como rigoroso, ético e “generoso”. Neste último caso, pode-se considerar ao menos a comparação com outros senhores de engenho que tratavam a ferro e fogo os seus criados.

É importante salientar que a figura do filho de escravizados começa a ser desconstruída com o nível de instrução do personagem. Ricardo é o único dos irmãos que frequenta a escola,

possui uma vestimenta própria para isso, que é o caso das botinas, e até recebe carona no cavalo do neto do coronel, como fica claro neste trecho da narrativa “O Moleque Ricardo”:

Os outros moleques mangavam dele. Sacudiam até pedras quando viam o companheiro de botina, com o caixãozinho dos livros debaixo do braço. Mas ele tinha orgulho deste privilégio. O neto do senhor de engenho passava a cavalo, muitas vezes dava-lhe a garupa. Era uma sensação entrar na rua de cima, como um branco. Voltava sozinho da escola. (REGO, 2003, p. 33)

Ricardo tem um carinho especial pelo irmão menor, Rafael, a quem cuida como um filho. Após uma proposta de trabalho feita pelo condutor do trem, Ricardo “foge” do engenho para se empregar na casa dele, realizando serviços domésticos. Depois, estabelecido em Recife, surge a oportunidade de trabalhar na padaria do português Alexandre, personagem odiado por Ricardo durante toda narrativa. A padaria será sua residência durante boa parte do primeiro romance analisado, enquanto as lembranças do engenho permearão sua memória. Durante a primeira narrativa supracitada, Ricardo se envolve em romances com três mulheres: Guiomar, Isaura e Odete. O personagem também estabelece uma íntima amizade com Francisco, caixeiro da padaria. Em “Usina”, vive um romance com Manuel, sertanejo que era o cozinheiro do médico da prisão em Fernando de Noronha.

As relações afetivas entre Ricardo, as duas namoradas, a esposa, Francisco e Manuel serão analisadas no terceiro capítulo deste estudo, bem como as relações daquele em relação aos personagens simbólicos do patriarcado, como o coronel José Paulino e o patrão Alexandre. Também será analisada a relação do personagem com os espaços habitados nas duas narrativas.

Com isso, o objetivo principal desse trabalho é investigar a construção da masculinidade no personagem Ricardo, protagonista das narrativas “O Moleque Ricardo” (1935) e “Usina” (1936), de José Lins do Rego. Para tanto, será utilizada enquanto ferramenta metodológica a análise sociológica das relações entre os personagens da trama. No primeiro capítulo, será elaborado um levantamento histórico dos estudos sobre masculinidades. No segundo capítulo, analisam-se o aspecto regional das narrativas e sobre os espaços. Por fim, no terceiro capítulo, será demonstrada, através da análise mais detida das narrativas e dos amores de Ricardo, como o personagem vai sendo moldado e marcado pela masculinidade hegemônica.

2 MASCULINIDADES: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS E CONTEXTUAIS

2.1 A Consolidação do Ideal Masculino

O primeiro exercício neste capítulo da dissertação é encontrar e tentar compreender, dentro dos estudos sobre masculinidades, as origens e os desdobramentos do comportamento social masculino, além do modo como esse comportamento foi naturalizado e também modificado através das mudanças sociais ao longo dos tempos na sociedade ocidental.

Na Antiguidade, a conduta do cidadão romano era fortemente influenciada pela filosofia do estoicismo. Segundo os historiadores franceses Georges Duby e Philippe Ariès, “o estoicismo ensinava o indivíduo a tornar-se o equivalente mortal dos deuses, autônomo e indiferente como eles aos golpes do acaso, se, graças a sua razão crítica, identificava a inclinação natural que levava a essa autarquia e a seguia corajosamente” (DUBY; ARIÈS, 1985, p. 53). Nesse sentido, é possível entrever a formação de um caráter extremamente rígido. A finalidade prática desse tipo de comportamento era essencial para aristocracia que visava ao comando e autoridade sobre os outros indivíduos:

O ideal greco-romano de autodomínio, de autonomia, estava ligado à vontade de exercer também um poder sobre a vida pública (ninguém é digno de governar se não sabe se governar), no Império, a soberania sobre si mesmo deixa de ser uma virtude cívica e torna-se um fim em si, a autonomia proporciona a tranquilidade interior e a independência em relação à Fortuna e ao poder imperial. (DUBY; ARIÈS, 1985, p. 46)

Assim, tendência à colonização do outro estava no cerne do comportamento moral dos romanos. Essa disposição refletia em outras instâncias do indivíduo, a exemplo da sexualidade. É importante salientar que o termo sexualidade surge no século XIX, sendo necessariamente um conceito moderno e pós-moderno. Segundo a pesquisadora Lurdes Conde Feitosa:

A imagem da virilidade do aristocrático romano, associado à força física, à superioridade bélica, ao caráter e à sexualidade, faz parte de uma construção ideológica e de poder sobre “os subalternos”, em a finalidade de justificar, aos pares e à sociedade, o seu lugar social. (FEITOSA, 2016, p. 129)

Em “A construção social da masculinidade” (2004), o sociólogo Pedro Paulo de Oliveira apresenta de modo sistemático o ideal masculino na Idade Média. A busca pelo ideal de masculinidade tem sido um fator presente na construção cultural de valores sociais. Os duelos entre cavaleiros podem ser considerados alegorias da elaboração e consolidação do ideal de masculinidade e os valores a que estão atrelados desde a antiguidade até os dias de hoje.

Valores como “lealdade, probidade, correção, coragem, bravura, sobriedade e perseverança” (2004, p. 22) eram considerados pelos nobres comportamentos ligados ao ideal de masculinidade. A maioria desses valores serão conservados ao ideal moderno ocidental de masculinidade. Alguns sofrem transformações, embora a essência desse caráter permaneça, não sem muito esforço dos envolvidos na sua consolidação.

A defesa da honra e do *status* foi origem de muitos conflitos entre cavaleiros remanescentes do fim da era medieval. Atos de bravura e coragem eram essenciais para manter a própria dignidade e de seus descendentes. Pois, nessas circunstâncias, deixar-se acovardar implicava numa perda total não apenas da honra do cavaleiro. Essa atitude adquiria uma dimensão que angariava também sua origem, ou seja, duvidava-se do caráter de seus ascendentes e, conseqüentemente, de seus descendentes: “Assim, coragem e ousadia eram virtudes que todo homem honrado deveria possuir, fazendo o ideal de masculinidade girar sempre em torno de sua presença ou ausência” (OLIVEIRA, 2004, p. 23).

Na perspectiva de que a identidade se constitui através da diferença, é fácil encontrar até os dias atuais homens que tentam se desviar do atributo de covarde, reproduzindo ou tentando reproduzir o comportamento de conflito com outros homens, ou mulheres, através da violência, seja física ou verbal. Ou seja, a violência surge como um produto da busca dos valores de um nobre ideal masculino e se sobrepõe a eles. Subjacente a essa busca, há as relações de poder. Sócrates Nolasco (1993) associa o comportamento violento à expressão da virilidade. Mais adiante, será analisado o desdobramento desses conceitos no comportamento masculino.

Os duelos protagonizados pelos cavaleiros medievais foram essenciais para a manutenção e reprodução da ideia de honra masculina. Através deles, era possível manter ou obter símbolos de *status* e honra ou a perda deles. Segundo Oliveira (2004), o objetivo desses duelos não era matar simplesmente. O objetivo essencial era demonstrar competência e firmeza para defender ou conquistar o respeito e a honra, elementos fundamentais para a garantia de uma digna inserção social masculina, através da obtenção de algo como o “sentimento de elevado valor pessoal, (ou mesmo) a profunda satisfação a ser extraída da consciência de pertencer a um grupo de categoria superior, (...) de ser alguém da melhor espécie de pessoas” (OLIVEIRA, 2004, p. 25).

Atualmente, esse *status* de superioridade continua vinculado ao comportamento social masculino. A socióloga Elizabeth Badinter afirma que, “desde o surgimento do patriarcado, o homem sempre se definiu como ser humano privilegiado, dotado de alguma coisa a *mais*, ignorada pelas mulheres. Ele se julga *mais* forte, *mais* inteligente, *mais* corajoso, *mais* responsável, *mais* criativo ou *mais* racional” (BADINTER, 1993, p. 6, grifo da autora). Portanto

é emblemático que honra e *status* sejam uma preocupação constante na trajetória da identidade masculina. Além disso, eles transmitem um fator importante da condição humana: a busca por reconhecimento. Ora, se este reconhecimento já está estabelecido pelo patriarcado, resta aos homens mantê-lo sob quaisquer condições. A violência, consumada ou simbólica, contra outros seres humanos é uma forma de manutenção de poder que pode ser armada, como visto na alegoria na Idade Média, ou velada.

Posteriormente, os duelos foram extintos. Porém, com algumas transformações, os valores que eles representavam serão modificados ritualisticamente em algo útil para a moral burguesa: “A ênfase na bravura, na ousadia e no destemor desloca-se paulatinamente para a questão da firmeza, do autocontrole e da contenção” (OLIVEIRA, 2004, p. 25).

É importante salientar que há uma tentativa de conhecer os sistemas simbólicos que permeiam o conceito de ideal de masculinidade. Por sistemas simbólicos, entende-se “todo um complexo de esquemas e estruturas que já estão incorporados ao imaginário coletivo” (SILVA, 2009, p. 186).

Continuando no ideal de masculinidade, um bom exemplo desse conceito alegórico é a construção da figura militar. Oliveira afirma que a formação dos Estados modernos foi determinante para a consolidação de comportamentos “socialmente considerados como autenticamente masculinos”. A formação dos exércitos e a soberania da nação atrelados a ideais revolucionários como igualdade, liberdade e fraternidade esquematizam o ato de bravura heroica a que os soldados estavam submetidos. Com isso, “os ideais medievais de bravura e destemor passavam agora a integrar as características fundamentais do soldado devotado e heroico” (OLIVEIRA, 2004, p. 26).

A representação do guerreiro, que inicialmente era o cavaleiro, configura-se agora no soldado de guerra. Ambos utilizam o baluarte da virtude em conservação da honra e de uma posição hierárquica em relação aos outros homens: os “vencidos”. Nesse sentido, há uma orientação de considerar o ideal masculino não inatingível, assim como tudo que é ideal, mas fragmentado e reunido por todos aqueles preocupados com a manutenção de uma primazia do poder. Com a chegada do Estado moderno, o comportamento autêntico vinculado aos ideais do guerreiro será o sustentáculo do ideal masculino: “Lidar com a dor e o perigo era, ao mesmo tempo, uma preparação para a guerra e também um exercício e treinamento da autêntica masculinidade” (OLIVEIRA, 2004, p. 28).

Outra instituição que serve à consolidação do ideal masculino na modernidade é o casamento. Pressupondo-se heterossexual como a única sexualidade possível, o casamento torna-se um veículo para a materialização da moralidade burguesa promovida pela religião. Alguns comportamentos essenciais para o chefe de família vinham no bojo do casamento, no

qual o homem era a autoridade. Para exercer essa autoridade alguns sistemas simbólicos eram característicos:

A contenção, a moderação, o autocontrole burguês eram tidos como fundamentais tanto para a vida familiar quanto para os futuros chefes de família. Desenvolver o equilíbrio e o domínio sobre si próprio era pré-requisito para que se pudesse ter controle e autoridade sobre a família, na condição de marido e pai. Isso terá uma influência decisiva para os processos de subjetivação modernos e também para a questão de poder, pois “será digno de governar outros aquele que adquiriu domínio de si”, ou ainda, “o melhor será aquele que exercer um poder sobre si mesmo”. (OLIVEIRA, 2004, p. 49)

Nesse sentido, conclui-se que o ideal masculino está relacionado à tríade honra, bravura e uma moral voltada à racionalidade. Os desdobramentos desse ideal estão na base que formula um conceito de masculinidade hegemônica. As mulheres e os homens que não se adequam à esse conjunto de valores serão vitimados pelos que se adequam, sofrendo uma violência consumada ou simbólica que servirá para a manutenção das relações de poder.

2.2 A Masculinidade Hegemônica

Em seu artigo intitulado “Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito”, Robert W. Connell apresenta um conceito importante formulado nos anos 1980 e que influenciou de forma permanente os estudos sobre masculinidades, gênero e hierarquia social. Segundo o autor, a masculinidade hegemônica “foi entendida como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (2013, p. 245).

Admitir que existe, de fato, uma masculinidade hegemônica é pensar numa construção plural de masculinidades e, para além dessas masculinidades multifacetadas, na existência de uma hierarquia. Connell afirma que, embora seja estatisticamente pequeno o número de homens que adote a postura da masculinidade hegemônica, “ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (2013, p. 245).

A masculinidade hegemônica é um produto da busca pelo ideal de masculinidade pautado nos valores mencionados anteriormente e transformados ao longo dos séculos até os dias atuais. Homens e mulheres atuam em cumplicidade a essa hierarquia de poder: os homens são beneficiados com ela e as mulheres são conduzidas culturalmente a esse reconhecimento. Segundo Connell (2013):

Homens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina. Foi em relação a esse grupo, e com a complacência dentre as mulheres heterossexuais, que o conceito de hegemonia foi mais eficaz. A hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão. (CONNELL, 2013, p. 245)

Ancorado em uma perspectiva relacional, o conceito de masculinidade hegemônica tem a aplicação prática de *status quo* dominante. Porém, esse conceito traz em seu bojo as masculinidades subordinadas a esta e ainda o feminino antagônico. Para Petersen (1998), Collier (1998) e MacInnes (1998), “o conceito de masculinidade é falho porque ele essencializa o caráter dos homens ou impõe uma unidade falsa a uma realidade fluida e contraditória” (*apud* CONNELL, 2013, p. 249).

Essa falha se atribui à tentativa dos homens de quiméricamente se enquadrarem em padrões ideais cristalizados e irreais, porque os valores simbólicos se modificam através dos tempos. Ele acredita atingir sob a imperfeita condição humana o nível de perfeição de um conceito. Mesmo às avessas, o objetivo dessa tentativa hegemônica ainda se perpetua socialmente: aquisição de poder.

Connell (2013) entende que o conceito de masculinidade está estabelecido dentro de uma heteronormatividade binária que ignora a diferença dentro das categorias de gênero, permanecendo numa lógica dicotômica entre sexo (biológico e gênero-cultural). A respeito da masculinidade hegemônica, os homens transitam nessa categoria, ou seja:

Os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos. Consequentemente, a “masculinidade” representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas. (CONNELL, 2013, p. 257)

As divisões entre homens, incluindo a exclusão e a subordinação dos homens homossexuais, foram questões centrais no desdobramento do conceito de hegemonia masculina. Esse tópico será tratado mais adiante.

Os apontamentos do psicólogo Sócrates Nolasco serão imprescindíveis nesse trabalho. Embora se trate da pesquisa pioneira em masculinidades no Brasil, suas considerações continuam bastante atuais. A respeito do modelo hegemônico masculino, Nolasco (1993) sustenta que esse modelo vai sendo delineado, desde a infância, através de discursos que surgem na família e permanecem em outras instituições como escola e amizades, e que fazem o menino compreender que existe um homem “viril, corajoso, esperto, conquistador, forte, imune a fragilidades” (1993, p. 42).

Esses discursos são muitas vezes silenciosos e se manifestam através de atos que pressupõem naturalidade dentro de um sistema patriarcal. O pai, enquanto chefe de família, detém a autoridade através do aspecto enérgico que está associado à virilidade; os adolescentes se vangloriam de ter mais de uma namorada, entre outros discursos que são validados através da ordem social do patriarcado. Assim, a mãe chefe de família encara mais desafios em manter sua autoridade perante a sociedade. Pode-se considerar, inclusive, a associação em pesquisas da ausência masculina relacionada à marginalidade. O adolescente é rechaçado se não mostra as muitas conquistas aos seus amigos. Esses comportamentos, no entanto, estão lentamente sofrendo modificações advindas do posicionamento de mulheres e homens contrários a esse modelo hegemônico. Esse novo olhar tem origem no surgimento do feminismo. No entanto, a ordem patriarcal mantém sua força através de muitos discursos silenciosos que movem a humanidade e mantém esse modelo enquanto a forma de supremacia masculina.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu elucida as bases do comportamento social que sustém essa supremacia através de sistemas simbólicos que envolvem de forma dicotômica as relações de gênero. Segundo o sociólogo, “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção” (BOURDIEU, 2002, p. 18).

Essa ordem masculina está inserida dentro de sistemas simbólicos acoplados às instituições. Um modo de estabelecer essa relação nas instituições é através da divisão social das atividades:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 2002, p. 18)

A divisão social do trabalho é um aspecto importante para a manutenção da ordem androcêntrica e configuração do modelo hegemônico, entre outros aspectos, baseado na virilidade. Bourdieu (2002) fornece a seguinte definição de virilidade:

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto a equidade do *vir*, *virtus*, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual - defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc. - que são esperadas de um homem que seja realmente um homem. Compreende-se que o falo, sempre presente

metaforicamente, mas muito raramente nomeado e nomeável, concentre todas as fantasias coletivas de potência fecundante. (BOURDIEU, 2002, p. 20)

Nota-se a associação estabelecida por Bourdieu entre virilidade e sexualidade. Nolasco (1993) postula que, para o homem, o trabalho está envolvido nesta relação: “Para um homem que assume os valores patriarcais, o trabalho, o afeto e o sexo estão misturados entre si, sendo que o trabalho ocupa o vértice desta tríade” (p. 54). Ainda segundo o autor:

A linguagem do trabalho tem sido a linguagem das guerras e da expressão da soberania, utilizada para minimizar o sofrimento de fragilidade e impotência que sentem diante da finitude da vida. “Lutar”, “vencer”, “batalhar” são termos comumente usados para se referirem ao trabalho, contextualizando-os no panorama de pequenas guerras, ações violentas e massificantes. (NOLASCO, 1993, p. 65)

Destarte, o *status* que envolve o trabalho está inserido no sistema simbólico que promove a masculinidade hegemônica calcada no ideal masculino: o homem trabalhador, viril, “batalhador” e racional é outro desdobramento do ideal do homem guerreiro produzido na Idade Média. Estes conceitos também estão representados nas obras em análise.

É importante frisar que a ruptura com o silêncio que envolve a ordem do simbólico movimentava essas estruturas. Com as discussões provenientes do movimento feminista, muito desse modelo hegemônico se torna ultrapassado. O mundo masculino precisa de novos referenciais enquanto vivencia a crise da quebra de padrões.

2.3 Os estudos de gênero e a discussão sobre masculinidades

O movimento feminista dos anos 1960 foi a mola propulsora da discussão dos estudos de gênero. Antes disso, ao final do século XIX, esse movimento havia sido influenciado pelo pensamento de Karl Marx no que diz respeito ao “construtivismo social”. Tal conceito foi introduzido ao pensamento feminista, que começou a questionar o entendimento fisiológico de “identidade sexual” (NICHOLSON, 2000, p. 14)

Esse entendimento fisiológico surge inicialmente através de um estudo realizado por Laqueur acerca da literatura médica, que compreendia desde os gregos até o século XVIII, na qual ele identifica uma noção “unissexuada” do corpo, ou seja, homens e mulheres teriam órgãos semelhantes. Essa visão contrasta com a compreensão “bissexuada” do corpo que surge durante o século XVIII. Nesse caso, baseia-se em uma discrepância de valores entre o corpo feminino e masculino. Mesmo sem evidências plausíveis, entendia-se que o corpo feminino era uma versão inferior do corpo masculino. Nesse sentido, Nicholson afirma: “Dentro dessa visão de mundo, diferenças biológicas entre mulheres e homens eram percebidas mais como ‘marcas’

da distinção masculino/feminino do que como sua base ou sua ‘causa’” (NILCHOLSON, 2000, p. 12).

Desse modo observa-se como o conceito de identidade sexual parte do viés corporal e fisiológico e passa a ser identificado enquanto um discurso historicamente enraizado, questionado e modificado a partir do pensamento feminista. Ainda segundo Nilcholson (2000):

Podemos ver a identidade sexual como enraizada historicamente, como produto de um sistema de crenças específico de sociedades modernas ocidentais, podemos também apreciar a diversidade profunda das formas pelas quais a distinção masculino/feminino pôde e pode ser entendida. (2000, p. 7)

Nicholson (2000) explica que a correlação entre o “construtivismo social” e a “base material da identidade” é a raiz do conceito de “gênero”. Quase no início dos anos 1990, Joan Scott (1988) consegue delimitar o papel do sexo em relação ao gênero e o definirá:

Gênero é a organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças físicas fixas e naturais entre mulheres e homens; mais propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais (...). Não podemos ver as diferenças sexuais a não ser como uma função de nosso conhecimento sobre o corpo, e esse conhecimento não é puro, não pode ser isolado de sua implicação num amplo espectro de contextos discursivos. (SCOTT, 1988 *apud* NICHOLSON, 2000, p. 2)

Karen Giffin (2005) salienta que a separação conceitual entre sexo e gênero foi formulada durante os anos 1970 com os “estudos de mulheres” e implantou a compreensão do desequilíbrio em que estavam inseridas as relações sociais entre os gêneros e a hegemonia da ideologia binária. Segundo a autora:

Nos anos 70, com o movimento feminista e os estudos de mulheres prosseguindo a todo vapor, e com os homens do movimento e dos estudos *gays* insistindo que os homens heterossexuais eram todos candidatos à liberação, a hegemonia das ideologias binárias/ da dominação masculina se viu sob séria contestação. No âmbito universitário e em outros coletivos de homens dedicados à reflexão sobre a própria experiência no patriarcado, que assumiram as críticas e reconheceram como seus hábitos masculinos de dominação e desvalorização. Segundo os participantes, havia sentimentos de muita culpa; como no feminismo. Havia discordância e conflito. (2005, p. 49)

A ascensão do movimento gay, e com isso os primeiros passos de afirmação e de liberação da sexualidade masculina, implica em uma visão multifacetada dessa sexualidade. Quando os homossexuais se fazem perceber enquanto identificados com o gênero masculino, embora com desejo sexual e afetivo voltado também para esse masculino, o padrão de masculino se fragmenta. O comportamento social masculino, estabelecido por séculos, passa a

ser questionado. O homem enquanto sujeito se defronta com as subjetividades encarceradas das mulheres e dos gays. Ele passa a perder pouco a pouco seu lugar de dominação ideológica frente a esses sujeitos. Essa visão multifacetada põe em xeque as delimitações muito claras dos componentes identitários masculinos, gerando assim uma crise na masculinidade. Nesse contexto, surgem nos Estados Unidos os *men's studies*. Segundo Honório (2009), o objetivo dos *men's studies* era:

Romper com esse esquema da diferenciação sexual, que contrapõe masculino-feminino, macho-fêmea e que se estende para a vida social, definindo o privado - feminino, mulher - e o público - masculino, homem; uma complementarização dos sexos e uma hierarquia; uma prática discursiva que legitima uma posição dominante dos homens e uma subordinação da mulher. (HONÓRIO, 2009, p. 5)

Em suma, os estudos sobre masculinidades são fruto dos estudos feministas. A discussão se inicia com a constatação de que, para estudar a mulher, era necessário estudar o homem. Eis a base para os estudos de gênero. Estes estudos são recentes no Brasil, tendo início na década de 1990 com a publicação do estudo de Sócrates Nolasco intitulado “O Mito da Masculinidade”. Ele surgiu a partir de uma extensa pesquisa e trouxe um retrato do homem daquela época, apresentando um homem marcado por mudanças sociais e a permanência de um modelo hegemônico agonizante. No âmbito da Academia, em especial nas pesquisas desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação do Brasil, pode-se citar alguns estudos importantes realizados na última década que foram utilizados ao longo deste trabalho.

Na Universidade Federal da Paraíba, em 2007, pode-se mencionar o estudo do pesquisador João Dantas Filho, que desenvolve o trabalho intitulado “Homens nordestinos em cena: relações/tensões de masculinidades em *As Velhas*, de Lourdes Ramalho”. Trata-se de uma análise sob o viés dos estudos de gênero acerca de um texto teatral datado de 1975. O autor constrói um olhar sobre o masculino a partir de uma perspectiva relacional entre os personagens principais femininos Ludovina, Mariana e Branca e os personagens masculinos José, Chicó e Thomás, além de outros. Além disso, numa perspectiva regional do gênero, Dantas filho também problematiza questões relacionadas aos tipos regionais nordestinos.

Em 2012, a pesquisadora Maria das Dores Honório escreveu sua tese de doutorado em sociologia intitulada “Cachaceiro e raparigueiro, desmantelado e largadão! Uma contribuição aos estudos sobre homens e masculinidades na região Nordeste do Brasil”. Este estudo objetiva compreender a forma como estão sendo transmitidos os modelos de masculino e feminino através das letras das músicas de forró oriundas do Nordeste e também suas temáticas. Honório observa que existe uma nova expressão da masculinidade presente nas letras do chamado “forró eletrônico”, denominada de “novo rapaz”, que se trata de um homem que conserva alguns

padrões tradicionais que envolvem gênero e poder, mas que dispensa a construção de um compromisso com as mulheres. Embora reafirme constantemente seu interesse sexual por elas, não se interessa por responsabilidades e valoriza festa, bebidas e música alta.

O professor Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes escreve, em 2015, o livro intitulado “O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX”, fruto de sua dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPB, sob a orientação da professora Liane Schneider. O estudo trata sobre diversos temas associados à literatura homoerótica, além de uma extensa análise sobre contos emblemáticos da literatura brasileira com este foco. O autor faz um panorama histórico a respeito do desejo homoerótico e demonstra, através da literatura, o silenciamento e o julgamento relacionados ao interesse sexual por pessoas do mesmo sexo na sociedade brasileira.

O livro conta com a análise de dez contos brasileiros que datam desde 1906, como “Pílares & Orestes”, de Machado de Assis, à 1997, como “Família”, de Rubem Fonseca. No decorrer das análises, é notável um grande silenciamento a respeito do desejo homoerótico. Ele é construído dentro da literatura muitas vezes por subentendidos. Além disso, é possível perceber as tensões, implicações e interdições a que os sujeitos são acometidos por não poderem vivenciar a própria sexualidade em diferentes épocas no Brasil.

No contato com as transformações no caráter do que se entende por gênero, através dos tempos, sua representação literária e social foi de fundamental importância para a construção do arcabouço teórico do presente trabalho. No próximo tópico, será tratada uma importante contribuição da socióloga francesa Elizabeth Badinter, entre outros autores, a respeito da identidade de gênero masculina.

2.4 A Identidade de Gênero Masculina

Badinter (1993, p. 34) afirma que a identidade masculina se compõe a partir da contrariedade de três outras identidades: o homem não é um bebê, não é uma mulher e nem um homossexual, como mencionado anteriormente. Essa identidade não é firmemente estabelecida em algum ponto da vida do homem. Pelo contrário, esse padrão de identidade inatingível precisa ser conquistado a cada momento em ações que se configuram em discursos, muitas vezes extremamente permeados pelo machismo, durante a longa jornada em que se constitui uma identidade apropriadamente masculina. Segundo a socióloga:

Se a masculinidade se ensina e se constrói, não há dúvida de que ela pode mudar. No século XVIII, um homem digno deste nome podia chorar em público e ter vertigens; no final do século XIX, não o pode mais, sob penade

comprometer sua dignidade masculina. O que se construiu pode, portanto, ser demolido para ser novamente construído. (1993, p. 29)

Para o menino, o processo de diferenciação sexual ocorre de uma forma mais dramática do que para a menina. Primeiramente, por conta da expectativa social em relação à masculinidade, a necessidade de afirmação de uma masculinidade que falaremos mais adiante. Em segundo lugar, segundo os psicanalistas, ocorre o processo de diferenciação entre a criança e a mãe. Esse processo de diferenciação com o gênero feminino, apropriação e constituição de identidade perdura aparentemente por toda a vida do indivíduo, em uma batalha constante pela materialização de uma identidade masculina. Badinter (1993) explica que:

As mulheres, por aceitarem sua feminidade de modo primário e incontestado, têm uma identidade de gênero mais solidamente ancorada que os homens. Essa identificação pré-verbal, que amplia a criação de sua feminidade, torna-se para o menino um obstáculo a vencer. (BADINTER, 1993, p. 48)

A repulsa a esse lugar de identificação com a figura primeira feminina se torna determinante na construção social da identidade masculina. Qualquer identificação com características atribuídas ao gênero feminino é automaticamente rechaçada. Numa perspectiva de construção de identidade de gênero inversamente proporcional, essa condição é a origem da árdua jornada a que são submetidos os homens.

Retornando ao enredo das narrativas, é possível num primeiro momento pensar que a cisão entre Ricardo e mãe Avelina ocorra no momento em que ele se distancia do engenho. No entanto, essa cisão não se conclui. Ricardo leva Avelina e o Engenho Santa Rosa consigo. Nos momentos de angústia, é no colo de Avelina que ele encontra o lenitivo, embora apenas através de sua via imaginária. Essas imagens são tão fortes e presentes que, por convites ao devaneio, é possível para Ricardo retornar ao estado de menino durante os momentos conflitantes de sua trajetória:

Às tardes, Ricardo ficava sentado debaixo das mangueiras no quintal. Quase sempre a esta hora as cigarras cantavam na rua do Arame. E nessa hora triste, enquanto o bate-boca das mulheres retinia lá fora, o negro botava pra pensar. Não era propriamente para pensar, era para sofrer. Aquelas mesmas cigarras cantavam assim nas cajazeiras do Santa Rosa. Mãe Avelina quando deitava os meninos para dormir, cantava também. (REGO, 2003, p. 45)

É interessante notar que, num aspecto simbólico, pode-se associar alegoricamente os galhos da mangueira com os braços de mãe Avelina. Essa imagem junto ao som das cigarras serve de porta de entrada para as reminiscências de Ricardo, que entra num estado de devaneio e consegue sentir o afeto do canto da mãe.

Também Badinter (1993) esclarece que, a partir da cisão com a mãe e seu acalanto, sua feminilidade e tudo que representa o universo materno, é iniciado o processo de identificação com a masculinidade. O menino é impelido ao mundo, em muitas culturas, através de ritos extremamente violentos, com o intuito de livrá-lo da identificação com o padrão da feminilidade:

O homem viril encarna a atividade. Mas essa atividade, na verdade, nada mais é do que uma reação contra a passividade e a impotência do recém-nascido. Para os machos, o monopólio da atividade não vem de uma necessidade social. A interiorização das normas da masculinidade exige uma repressão suplementar dos desejos passivos, especialmente o desejo de ser acalentado. A masculinidade, construída inconscientemente nos primeiríssimos anos de vida, se intensifica até explodir, literalmente, na adolescência. (1993, p. 56)

O resultado da cisão entre o universo masculino (do filho) e o feminino (da mãe) estabelece um padrão de comportamento masculino oposto ao feminino, não sem esforço dos homens por terem experimentado na tenra idade os acalantos maternos. Esse desejo de retornar a esse estágio inicial permanece (BADINTER, 1993). Porém, a interdição e o sofrimento acarretado por ela impelem o sujeito masculino à violência simbólica contra a mulher. Assim, essas identidades contrastam em sua perspectiva relacional: “A identidade masculina está associada ao fato de possuir, tomar, penetrar, dominar e se afirmar, se necessário pela força. A identidade feminina, ao fato de ser possuída, dócil, passiva, submissa” (BADINTER, 1993, p. 99).

Esse padrão de identidade de gênero masculina foi e ainda é considerado em muitas literaturas, tanto teóricas como ficcionais, oposto ao padrão de feminilidade para o qual se comporta em uma relação dicotômica e relacional em que um termo representa o inverso do outro. A masculinidade se trata de um “conceito relacional, pois só é definida com relação à feminilidade” (BADINTER, 1993, p.10).

Essa posição pode ser observada a partir das colocações do movimento feminista que começa a questionar os padrões opressores impostos pelo patriarcado de modo incisivo, autoritário e, além disso, por muitas vezes velado em todas as instâncias sociais e privadas. A construção da masculinidade dentro do contexto patriarcal envolve relações de poder, e o feminino é visto como ameaçador. Esses questionamentos a respeito desses padrões repercutiram na distinção entre os papéis executados por homens e mulheres: A respeito disso, Badinter (1993) destaca:

Ao pôr fim à distinção entre os papéis e firmar pé sistematicamente em todos os domínios antes reservados aos homens, as mulheres fizeram evaporar-se a característica universal masculina: a superioridade do homem sobre a mulher. Desde o surgimento do patriarcado, o homem sempre se definiu como ser

humano privilegiado, dotado de alguma coisa a *mais*, ignorada pelas mulheres. (BADINTER, 1993, p. 6, grifo da autora)

Honório (2012) pontua que a entrada dos homens na discussão de gênero foi fundamental para organizar o pensamento, entendendo que há uma masculinidade hegemônica que é cobrada a todo momento aos homens. No entanto, o que existe na realidade é uma gama de masculinidades. Para Honório:

A entrada dos homens nos estudos feministas e de gênero, sem negar a dominação masculina, contribuiu para importantes discussões sobre homens e masculinidades e para a adoção de uma vida dialética e histórica da realidade social dos gêneros, oposta à ordem binária. Os homens contribuíram com esses estudos ao discutirem sobre a masculinidade hegemônica, mostrando a diversidade de masculinidades estruturadas por raça/etnia, geração, expressão sexual e como esta diversidade transita nas relações de poder entre homens e mulheres e entre homens. (2012, p. 56)

Como visto, o modelo de masculinidade pautado na honra, moral, racional e de invulnerabilidade ideal e inatingível tem sido forjado ao longo dos séculos como a norma, a fim de perpetuar o domínio de poder e a supremacia masculina. Isso se dá através de uma hierarquia que inferioriza outras expressões de masculino além de tudo que diz respeito ao feminino.

No próximo capítulo, será dissociado o estereótipo do homem da literatura regional enquanto associado ao modelo hegemônico de homem ‘macho’, criado pelo movimento regionalista, segundo a visão do historiador Albuquerque Junior. É possível que, dentro da literatura dos anos trinta, haja uma multiplicidade de masculinidades, como se verá *a posteriori* no capítulo de análise. Portanto, é necessário percorrer os eventos históricos, produtores de significados, que enunciaram o discurso do “cabra-macho”, eterno lutador da terra.

Além disso, a fim de analisar os aspectos da narrativa que se relacionam com essa região e também atribuem significados ao comportamento do personagem, será feito um recorte espacial a fim de complementar a análise do personagem Ricardo evocando os entornos que incidem na sua conduta pessoal.

3 A CONTRIBUIÇÃO DO ESPAÇO PARA A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM

As narrativas do escritor José Lins do Rego são emblemáticas no que diz respeito à elaboração da literatura regional. Nas suas obras, encontra-se uma vasta representação dos costumes atrelados aos valores patriarcais que são reinventados, mas que permanecem resistentes até os dias de hoje. Dentro e fora da narrativa, o Nordeste que a literatura regional representa possui um modelo próprio de masculinidade hegemônica: o “cabra-macho” ou “cabra-da-pestes”.

Ao longo deste capítulo, será possível compreender através de quais discursos esse modelo foi instaurado, a forma como esse discurso hegemônico se apresenta nas obras “O Moleque Ricardo” e “Usina” e o modo como marca os personagens masculinos da trama, especialmente o personagem principal, Ricardo. Além disso, será traçada uma reflexão sobre a relação entre personagem e espaço e como esse último fornece informações substanciais na compreensão dos valores simbólicos a que estão associados os comportamentos relacionais dos personagens. Portanto, essa pesquisa recorrerá à toponímia para abordar os aspectos internos à narrativa que distinguem o comportamento do nosso personagem analisado.

A respeito do movimento regionalista, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr (2003)⁵ explica que o movimento se intensifica, no período que vai de 1924 a 1930, nas discussões que envolvem os aspectos antropológicos, etnográficos e culturais do Nordeste. Parte desse movimento se volta para a ideia de que os costumes patriarcais estavam em declínio, pois estariam sendo substituídos por uma sociedade “matriarcal” afeminada que teria surgido com o mundo moderno, a cidade, a industrialização e a República e que era preciso um modelo de homem capaz de resistir a isso. Esse homem era o nordestino. Em suma, a emergência desse conceito se deve a uma resposta às modificações culturais que se instalavam paulatinamente através da imigração estrangeira no Sul do país.

O termo nordestino, nas acepções que se conhece hoje, surge em torno da segunda metade da década de 1910, conforme indica Albuquerque Júnior. Ele era utilizado inicialmente para nomear a população de uma área compreendida entre Alagoas e Ceará. No entanto, essa identidade se desenvolve muito lentamente. Até os anos 1930, os nordestinos eram chamados de nortistas ou cearenses. Tratavam-se dos nordestinos que iriam trabalhar na Amazônia na extração da borracha. No discurso das elites, a ideia de Nordeste e nordestino se afirma de forma

⁵ ALBUQUERQUE JR, Durval M. de. A Invenção de um Macho. In: ALBUQUERQUE JR, Durval M. de. **Nordestino**: invenção do “falo”: uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 137-229.

definitiva nos anos 1930. Nas camadas populares, essa afirmação é reforçada por meio da literatura de cordel.

A fim de alavancar o poder político da região, intelectuais e os filhos da elite agrária do Nordeste passam a se reunir no centro de Recife e a articular os primeiros passos do movimento regionalista. Caracterizado por uma “ampla militância cultural e intelectual no sentido de definir a região e seu habitante” (ALBUQUERQUE JUNIOR, p. 140), o movimento regionalista tem seu ponto de partida na fundação do Centro Regionalista do Nordeste, no ano 1924. A partir de então, por meio do que pode ser chamada de uma “militância cultural”, o centro passa a desenvolver atividades que afirmam a identidade nordestina e, em especial, do homem nordestino.

Por conseguinte, a fim reunir elementos da vida e da cultura nordestina e desenvolver um sentido de unidade ao Nordeste, o Centro Regionalista passa a promover atividades artístico/culturais tais como: organizar conferências, exposições de arte, visitas, excursões; manter em sua sede uma biblioteca e sala de leitura, onde pudessem ser encontradas as produções intelectuais do Nordeste no passado e no presente; promover a cada ano, ou de dois em dois anos, em uma cidade do Nordeste, um congresso regionalista; editar uma revista de alta cultura “O Nordeste”, dedicada especialmente ao estudo das questões nordestinas e ao registro da vida regional (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003, p.140).

A partir da construção desses discursos, o nordestino é instituído como o macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, uma figura árida e viril capaz de retirar sua região da situação de passividade política e subserviência em que se encontrava. Ou seja, “o nordestino é definido como um homem que se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial e histórica” (ALBUQUERQUE JR, 2003, p. 150).

Esse modelo ideal é construído sobretudo a partir da figura do sertanejo como aquele capaz de criar uma raça forte, “aquele que expressava o futuro da região, que fora, até então, dominada pela gente do litoral” (ALBUQUERQUE JR, 2003, p. 159). Outros tipos regionais são utilizados na construção deste baluarte de um ideal masculino e se agregam à composição desse modelo regional diversos elementos de tipos que o antecedem, como o praieiro e o brejeiro, além de “figuras sociais que não haviam chegado ainda a se constituir em tipos como: o senhor de engenho, o cangaceiro, o coronel, o vaqueiro, o matuto, o jagunço, o retirante, o caboclo, dissolvendo a particularidade destes em seu interior” (ALBUQUERQUE JR, 2003, p. 152).

Essa composição de tipos regionais solucionaria a reconstituição dos valores patriarcais “em declínio”, conservando a hegemonia masculina de modo a se transformarem em heróis semelhantes aos guerreiros medievais que, conforme citados anteriormente no primeiro capítulo, deram

origem ao conjunto de comportamentos masculinos naturalizados e enaltecidos, quase que inexoravelmente, até os dias de hoje.

Acerca desse ideal, Albuquerque Junior questiona: “se a masculinidade representa o espírito guerreiro, da luta, o nordestino surgira de uma luta muito particular, uma luta contra as intempéries da natureza, a luta contra a natureza feroz” (ALBUQUERQUE JR, 2003, p. 172). Dentro do universo literário de José Lins do Rego, a representação desse baluarte da masculinidade é o coronel José Paulino.

O coronel era o patriarca, dono de tudo e de todos que habitavam as terras do Engenho Santa Rosa. Havia ainda o senhor de Engenho, que ensinara tudo que Ricardo sabia a respeito de trabalho e autoridade. Ricardo era conhecido na casa-grande por sua lealdade: “Negro fiel. Podia se fazer um mandado por ele sem susto. Fazia tudo depressa e com vontade” (REGO, 2003, p. 34). Já no Recife, Ricardo se recorda dos gritos do coronel. E mesmo recebendo dez mil-réis por mês, sentia falta do coronel:

Não sei por que o negro dormiu naquela noite com vontade de ver o coronel. Vontade somente. No final das contas ele não tinha raiva do velho. Gritava demais, mas desde que nascera que os gritos do velho, as ordens, os chamados eram daquele jeito. Gritava por tudo. Ricardo se insurgia. (REGO, 2003, p. 42)

Por mais que Ricardo se insurgisse, em todo o tempo durante as narrativas, o protagonista fazia o que aprendeu com o coronel: trabalhava. Ele obtém reconhecimento pelo seu trabalho na padaria do português Alexandre. Mas, mesmo assim, não nutre o mesmo apreço por esse que tinha pelo coronel José Paulino. Alexandre não possuía a mesma nobreza de caráter do nordestino:

Ricardo não gostava nada do patrão. Nunca lhe fizera mal e tinha raiva dele. Via o mondrongo fazendo questão por pão velho, aproveitando tudo. Até por um pedaço de tábua de caixão perguntava. O negro se criara na bagaceira do coronel Zé Paulino. Ele mesmo confessava admiração pelas fraquezas do velho, aos companheiros: O coronel não fazia questão por besteira não. (REGO, 2003, p. 50)

Esses discursos envolvem uma demarcação masculina e estão relacionados a um recorte espacial: o macroespaço Nordeste. Portanto, a fim de examinar como se manifestam as cargas simbólicas que estão presentes nas narrativas “O Moleque Ricardo” e “Usina”, serão utilizadas as contribuições da topoanálise.

O termo topoanálise foi criado por Bachelard em meados dos anos 1950 e elucidado em seu livro “A Poética do Espaço”. Segundo o filósofo fenomenologista, em suma, “a topoanálise

seria então o estudo sistemático dos locais da nossa vida íntima” (BACHELARD, 1993, p. 28). Neste livro, Bachelard fornece um amplo aparato de análise literária considerando minuciosamente o aspecto simbólico que envolve objetos e ideias que estão inseridos imageticamente nas narrativas. No primeiro capítulo, intitulado “A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana”, Bachelard orienta quanto ao conceito referente à casa natal e aos significados simbólicos que podem ser instituídos à literatura através dessa ideia. Esse conceito será fundamental para compreensão do vínculo permanente que o personagem Ricardo tem com esse espaço e como esta conexão influencia as atitudes e comportamentos do personagem durante a narrativa.

Em “A poética do espaço”, Bachelard perscruta a noção que a casa incide sobre o humano. Para Merleau-Ponty, o espaço e a percepção “indicam no interior do sujeito o fato de seu nascimento, a contribuição perpétua de sua corporeidade, uma comunicação com o mundo mais perpétua que o pensamento” (*apud* SOETHE, 1999, p. 98) Portanto, nesse sentido, uma boa aceção para o aspecto da categoria espaço que Bachelard elucida é definida por Soethe como o seguinte: “Entenderemos por espaço em literatura (...) o discurso sobre a percepção do entorno na situação específica de sujeitos ficcionais, e sobre sentido atribuído a essa percepção, no contexto das relações das personagens nas obras em particular” (SOETHE, 1999, p. 20).

Bachelard elabora o conceito da casa empírica que, metonimicamente, pode adquirir diferentes formatos dentro da obra literária, enquanto um referencial de acolhimento, afeto, além de instituir um conceito que se relaciona a essa ideia: o abrigo. Segundo o autor:

Uma espécie de atração de imagens concentra as imagens em torno da casa. Através das lembranças de todas as casas que sonhamos habitar, é possível isolar uma essência íntima e concreta que seja uma justificação do valor singular de todas as nossas imagens de intimidade protegida? Eis o problema central. (BACHELARD, 1993, p. 23)

Com essa problematização, o fenomenólogo incursiona o conceito subjacente ao da casa: o abrigo. Esse está relacionado com um lugar afetivo imaterial onde o indivíduo encontra um conforto profundo, tangente à ideia de liberdade, que fornece uma janela de significados para os sonhos mais profundos: “Por conseguinte, todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores oníricos consoantes” (BACHELARD, 1993, p. 25).

Com base no conceito de topoanálise elaborado por Bachelard, o professor Oziris Borges Filho, em seu livro “Introdução à Topoanálise” (2007), orienta na discussão a respeito da contribuição do espaço na narrativa. Segundo o autor, o conceito de espaço é:

Um conceito amplo que abarcaria tudo o que está inscrito em uma obra literária como tamanho, forma, objetos e suas relações. Esse espaço seria composto de cenário, natureza e ambiente. A ideia de experiência, vivência etc., relacionada ao conceito de lugar segundo vários estudiosos, seria analisada a partir da identificação desses três espaços sem que, para isso, seja necessário o uso da terminologia ‘lugar’. Dessa maneira, não falaríamos de lugar, mas de cenário, natureza e ambiente e da experiência, da vivência das personagens nesses mesmos espaços. A esse viés experiencial, afetivo, chamaremos de topopatia. (BORGES FILHO, 2007, p. 22)

Primeiramente, a contribuição do espaço na caracterização do personagem Ricardo se inicia por um lugar imprescindível nas duas narrativas: o engenho. Independente do espaço físico que o personagem ocupa nas duas narrativas, esse espaço continua marcando significativamente a personalidade do protagonista. Ele mantém uma relação afetiva com as memórias relacionadas a esse espaço. Essas memórias estão muitas vezes relacionadas ao passado, de modo que seria possível iniciar esse aspecto da pesquisa pela categoria tempo. No entanto, será considerado outro aspecto fundamental que essa vereda conduz. O espaço do engenho é compreendido geograficamente pelo Nordeste. Serão destacadas mais adiante neste capítulo as funções que essa região possui na composição do caráter do personagem em questão. Além disso, também se tratará da indissociação entre tempo e espaço na narrativa.

Sobre este aspecto, o pensador da linguagem Mikhail Bakhtin desenvolve o conceito de cronotopo em seu livro “Questões de Literatura e Estética”. Bakhtin parte da hipótese de que há um padrão no romance grego no qual, em vários momentos da narrativa, há uma indissociação do espaço e tempo. A esses momentos, ele nomeia de cronotopo. Acerca dessa definição, Bakhtin explica: “Chamaremos de *cronotopo*, que significa ‘tempo-espaço’, a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura” (BAKHTIN, 2018, p. 11, grifo do autor). E acrescenta:

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto. Aqui o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível; o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo e da história. (BAKHTIN, 2018, p. 12)

Nesse sentido, o engenho será aqui analisado como um espaço fundamental na produção de sentidos na narrativa, através do cronotopo da terra natal⁶, que é o Engenho Santa Rosa. Esse espaço é fundamental para compreensão da interpretação de Ricardo sobre os fatos que ocorrem

⁶ Essa definição está mais profundamente desenvolvida na dissertação: ARAÚJO, Karin Bakke de. **Cronotopo e Epifania nos Romances O Moleque Ricardo e Usina, de José Lins do Rego**: trajetória de formação da personagem Ricardo. 2011. 105 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

na sua estadia fora do Engenho Santa Rosa. Ricardo assimila suas experiências em referência às memórias da sua terra natal durante toda a narrativa:

Ricardo engraçou-se da cabrocha. Já gostava quando chegava a hora de sair para o serviço somente para ver o namoro esperando por ele. Era namoro? Ele mesmo não sabia ao certo. Guiomar, como se chamava, abria os dentes quando via o pãozeiro. O pãozeiro ria-se também para Guiomar. E o balaio saía pesando como se fosse pena na cabeça do negro apaixonado. Ricardo nunca amara assim. No engenho o amor foi marcado com os dentes. Zefa Cajá e as outras só queriam mesmo o coito e mais nada. Guiomar lhe parecia outra. (REGO, 2003, p. 53)

É interessante notar o modo particular como Ricardo enxerga a forma de se relacionar sexualmente no Engenho. A compreensão de sexo para Ricardo está distante do lugar-comum como essa atividade é encarada pelos outros rapazes na narrativa. Entre o possível futuro namoro e as aventuras sexuais do Engenho, é como se essas memórias o impelisses a outro momento na sua trajetória, com o qual Ricardo não quer mais se identificar. Há, no entanto, outras passagens da narrativa que revelam o quanto esse espaço implica na constituição desse personagem. Há mais adiante uma ilustração da saudade que sente da mãe, outra referência que está permanentemente ligada a esse espaço:

É verdade que de quando em vez uma saudade lhe assaltara a alma. Era sempre de noite que esta saudade procurava o moleque. Ele dormia no fundo da casa, quase debaixo de uma mangueira de galhos gigantes. E quando o sono não chegava logo, a Mãe Avelina vinha para ele de braços abertos... E apitava de longe um trem, de muito longe, que o apito chegava a ele como um toque de flauta de tão saudoso, de tão triste. (REGO, 2003, p. 42)

Novamente, as lembranças revolvem na mente de Ricardo. Aqui ele se identifica com um menino acalentado pela mãe e o trem como uma promessa de sonho distante, que agora era a sua realidade. O trem é outro espaço/tempo emblemático da narrativa. Nesse, anuncia-se o que ocorre durante as narrativas com o personagem: o deslocamento. Ricardo é um personagem em permanente deslocamento. No entanto, o referencial primeiro será sempre o cronotopo da casa natal. Nos retornos a essas memórias, pode-se ver os primeiros indícios desse deslocamento:

A légua que fazia a pé por debaixo das cajazeiras, na ida e na volta para a escola, era para ele tudo eu havia de melhor. (...) Voltava sozinho da escola. A estrada era um ermo completo. De barulho, só mesmo o das cigarras e das lagartixas das folhas secas. Pensava então em muita cousa. (...) Uma cousa que lhe perturbava quase sempre era o apito do trem. A sua grande ambição, o seu sonho maior, não será cousa de outro mundo. (REGO, 2003, p. 32)

Uma subcategoria do conceito de cronotopo que melhor define esse deslocamento é o cronotopo da estrada, na narrativa, e a melhor materialização desse conceito está no trem.

Segundo Bakhtin:

Na estrada (a “grande estrada”) cruzam-se num ponto espaço-temporal os caminhos percorridos no espaço e no tempo por uma grande diversidade de pessoas-representantes de todas as classes e condições sociais, crenças religiosas, nacionalidades, faixas etárias. Aí podem encontrar-se por acaso aqueles que normalmente estão separados pela hierarquia social e pela distância espacial, aí podem surgir quaisquer contrastes, diferentes destinos podem encontrar-se mutuamente e entrelaçar-se. (BAKHTIN, 2018, p. 218)

Há um exemplo simbólico desse conceito no momento em que Ricardo se encontra dentro do trem:

Ricardo notava que a gente que entrava pelo vagão já era diferente, gente mais despachada, ganhadores pedindo frete, moleques vendendo jornais (...) E gente na rua que só formiga. O dia todo é como se fosse festa. Tudo isto agora estava perto dele. Via gente de sua cor e de sua idade entrando e saindo do carro como se fosse casa. (REGO, 2003, p. 37)

São pertinentes ao cronotopo da estrada todos os momentos das narrativas desde que Ricardo parte do Engenho, pois é um espaço de deslocamento para o protagonista, assim como sair de casa, para a qual que ele retorna no romance “Usina”. Logo que chega a Recife, Ricardo faz a seguinte reflexão: “Ricardo e o condutor saltaram em terra firme. E seguiram. Andaram a pé um pedaço. Ele calado, Ricardo também. Estava fora de tudo que era seu. Bateia o coração do negro em descompasso. Estava no mundo” (REGO, 2003, p. 39).

Mais do que somente um recorte, os cronotopos da estrada e da casa natal se entrecruzam durante as narrativas. A associação de um com o outro é o grande produtor de significados para o personagem Ricardo. Este se encontra no limiar entre estes dois cronotopos, não pertencendo inteiramente a nenhum dos dois. No Engenho Santa Rosa, o moleque sonha para além daquelas terras. Já em Recife ou em Fernando de Noronha, tudo que ele tem são suas lembranças da terra natal. Não obstante, é somente através do afeto de Manuel que o personagem encontra de fato um abrigo.

Retornando ao conceito de Bachelard (1993), a construção do espaço na narrativa para o teórico carrega significados eminentemente simbólicos e afetivos. Essa categoria, que se torna apagada pela ação dos personagens, transporta de forma sutil a construção de significados na narrativa. Assim, torna-se relevante para a avaliação desse estudo quanto aos entornos dessas construções sociais das narrativas.

É essencial o aprofundamento no local de origem do personagem Ricardo, um grande engenho no Nordeste do país. Um lugar enormemente paisagístico que marca a infância do personagem. É importante frisar que na representação literária dessas narrativas essa infância passa por um lugar muito distante da senzala.⁷ A narrativa “O Moleque Ricardo” é muitas vezes considerada um romance idílico. Portanto, pode-se ver com Bachelard como se configuram os espaços primeiros da aventura humana.

Em seu livro “A Poética do Espaço”, Bachelard apresenta um olhar sobre o espaço enquanto aquele que a imaginação pode conceber. Nas narrativas em análise, “O Moleque Ricardo” e “Usina”, o Engenho está marcado como “a casa natal” para o personagem Ricardo. Tamanha é a sua importância para a construção de narrativas que sequer se desenvolvem neste espaço. Segundo Bachelard (1993), a casa natal “gravou em nós a hierarquia das diversas funções do habitar. Somos o diagrama do habitar aquela casa; e todas as outras não passam de variações de um tema fundamental” (BACHELARD, 1993, p. 34).

Frequentemente, é ao Engenho que o personagem retorna quando deve fazer um juízo moral sobre as situações que vivencia. O Engenho Santa Rosa é o principal produtor de subjetividades para Ricardo e esse é um caráter fundamental das narrativas: “Tudo morrera para Ricardo. Chorou muito. Queria chorar alto como nos tempos de menino, chorar alto até que a Mãe Avelina chegava para acalantar. Chorava mesmo alto demais para que a mãe viesse para ele e o botasse no colo” (REGO, 2003, p. 64). Ou então, o olhar sensível e afetivo para a natureza, da qual sempre fora próximo, marca a sua personalidade:

Quando Ricardo saiu com o pão da tarde, olhou para o jardim do coronel, e a saudade da negra [Guiomar] voltou-lhe forte. A Cássia brilhava com o sol da tarde em plena vibração. Pareciam uns cachos amarelos as flores que pendiam dos seus galhos. Roseiras abertas, palmeiras que se arredondavam, dalias quase caindo com o peso das flores. Seu Lucas estava lá cascavilhando. Ricardo nem quis olhar para aquelas bandas. (REGO, 2003, p. 67)

Outro conceito importante da obra de Bachelard chama-se abrigo. Por abrigo, entende-se um lugar de intimidade, um lugar imaterial relacionado à ideia de aconchego que foi elucidado no início do capítulo. Mesmo sem nenhuma privacidade em Noronha, Ricardo encontra em Manuel uma intimidade que nunca tivera. Isso se dá pelo seguinte:

Quando o ser encontrou o menor abrigo: veremos a imaginação construir “paredes” com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção – ou, inversamente, tremer atrás de grossos muros, duvidar das mais sólidas muralhas. Em suma, na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado

⁷ Por toda a narrativa, pode-se observar uma espécie de esquecimento total do que foi a escravidão. Dentro do universo fictício de José Lins do Rego, ex-escravizados e seus filhos eram agregados da família.

sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos. (BACHELARD, 1993, p. 25)

A conformação do espaço onde se desenvolve a primeira parte do romance “Usina” é extremamente complexa: uma cadeia composta por diversos homens em uma ilha. Isso está distante de tudo aquilo que era muito caro para Ricardo: o engenho e a família. A ausência de mulheres tornava a situação dramática:

Uma mulher em Fernando tinha o valor de diamante [...] Ricardo sonhava com as suas mulheres nas noites calmas d a ilha. Isaura e Odete lhe apareciam nos sonhos como visitas camaradas, enchendo os seus sonhos de contatos, de uma luxúria boa, de uma mágoa profunda no coração, ao despertar. Elas vinham para a sua rede, vinham de pernas abertas, com beijos quentes na sua boca seca. Ora uma, ora outra, mas todas lascivas. E às vezes, fugindo, indo para bem longe, deixando o pobre na ânsia desesperada com que acordava. Ah!, ele bem que gostava daqueles sonhos, daquelas visitas, daquelas fugidas infernais. (REGO, 2004, p. 28)

No entanto, embora o cárcere fosse extenuante e a configuração da ilha bela trouxesse ainda mais angústia a Ricardo, é nítida a representação de solidão reservada à ambientação da ilha. Ricardo sentia uma surpreendente alegria:

E assim foi Ricardo passando os seus dias. A ilha era grande. A terra é que era como as dos carrascos do Santa Rosa e o mar não tinha aquelas praias de areias brancas para espalhar as suas ondas. A vida era triste, de uma tristeza que nem o sol brilhante, o céu azul e o mar verde mudavam de tom. Foram dois anos, dias e dias que ele suportara sem grande sofrimento e, às vezes, até com uma alegria esquisita. (REGO, 2004, p. 26)

Nesse momento da narrativa, Ricardo conhece Manuel, que se aproxima lentamente:

O cozinheiro do médico, o sertanejo de três mortes, falava a Ricardo de Pajeú de Flores com a boca cheia d’água. Aquilo que era lugar de gente, de abundância. Ele se criara numa fazenda de gado. As terras eram tão extensas que não tinham dono. Boi e bode andavam às soltas. Era um mundo que não tinha limites. Em todo o caso melhor valia a ilha do que a Detenção, a cela estreita, a casa úmida, uma gaiola de pedra e cal. No começo Ricardo desconfiava dele, aos poucos porém foi perdendo o receio, mas sempre com respeito, tratando o outro como mais velho. (REGO, 2004, p. 27)

Neste trecho do romance, é possível encontrar alguma semelhança entre Ricardo e Manuel: o modo de pensar e o lugar de origem. A abundância a que muitas vezes Ricardo se refere ao engenho, terras extensas e tudo aquilo que era muito caro para Ricardo, também o era para Manuel. No próximo capítulo, serão detalhados o envolvimento de Ricardo e Manuel na prisão e a maneira como os amores de Ricardo foram essenciais para entender os valores simbólicos que permeiam a sua personalidade.

4 OS AMORES DE RICARDO

A estratégia de análise desta pesquisa se baseia em entender mais profundamente a que valores estão atreladas duas facetas do comportamento de Ricardo. Seguindo um discurso indireto-livre, o narrador das obras literárias “O Moleque Ricardo” e “Usina” conhece todos os aspectos da personalidade de Ricardo, o protagonista, assim como todos os outros personagens das obras. Desse modo, os pensamentos e emoções dos personagens se fundem com esse olhar narrativo e, na maioria das vezes, esses sentimentos são os de Ricardo. Assim, pode-se compreender as ações nas quais nascem as reflexões de gênero dos personagens e, externamente, observar o espaço em que estão inseridos e que reflete também essas ações. É através desse diálogo entre ação e espaço que se pretende conhecer os amores de Ricardo.

Essa pesquisa se inicia na observação de duas passagens da narrativa “O Moleque Ricardo” que determinam dois aspectos distintos da personalidade de Ricardo. São elas: “Um coração feito mais de carne que os outros” e “O moleque tinha o caráter como o diabo” (REGO, 2003, p. 49). A primeira delas apresenta um personagem frágil e emotivo. A imagem do coração convida a adentrar no interior desse personagem ao mesmo tempo em que essa aceção do caráter do personagem é lembrada nos momentos em que ele sofre algum tipo de opressão. Essas características primeiras estão relacionadas ao que é socialmente convencionalizado como pertinente ao gênero feminino. Por outro lado, “o moleque tinha o caráter como o diabo” remete a um caráter firme, viril, que são atributos relacionados ao gênero masculino, entre muitas outras aceções, como visto durante este trabalho.

Inserida na historiografia literária dentro do modernismo, na sua vertente regional, a obra de José Lins participa de curso de obras que buscam representar efetivamente o Brasil. As obras em análise foram escritas no decorrer dos anos 1930, momento de fomento da literatura regional, através do nascimento do movimento regionalista no qual José Lins do Rego era efetivo. De fato, escritor apresenta um Nordeste genuíno, empírico e natural que flui dentre as obras entre os mais complexos personagens, trazendo à tona costumes, palavras, ideias e conceitos profundamente locais. Como propunha o movimento regionalista, segundo Aderaldo Castello:

O movimento ambiciosamente aspirava à reestruturação do Brasil, em que cada brasileiro, despido de roupagem europeia, se voltasse para o seu meio e penetrasse natural e sinceramente, sem complexos coloniais, em nossa realidade, visando sempre à “articulação inter-regional” para melhor compreensão dos problemas e definição da unidade nacional. (CASTELLO, 2001, p. 44)

Outro ponto importante do movimento regionalista já mencionado, sob a perspectiva do historiador Muniz Albuquerque Junior, é a instituição da ideia de nordestino juntamente com difusão da ideia de nordeste. Ele é um tipo particular que serve à manutenção da cultura patriarcal; um tipo rude, contrário à modernização, que conserva em si a resiliência e bravura de lutar contra o clima inóspito da região. Ele é uma figura centrada no sertanejo, sendo uma mistura de força e bravura. Seria assim, como ainda o é, vinculada à ideia de nordestino. Pode-se encontrar um exemplo desse tipo regional na literatura de Graciliano Ramos, no romance “Vidas Secas”, na figura do personagem Fabiano.

No entanto, encontrou-se na análise dessa pesquisa um personagem antagônico a isso, ou ainda no limiar entre esse nordestino, cabra-da- peste, e um homem com “um coração que sangra mais que os outros”. Ricardo exibe uma nítida crise de masculinidade, ainda mais dramática porque o masculino hegemônico regional, simbolizado no patriarca mais próximo, o coronel José Paulino, é um masculino potencializado. O movimento de Ricardo é de fuga desde o Engenho, que teria uma forte conexão com as raízes nordestinas para o Recife que se modernizara.

Como já visto, a crise dos padrões masculinos não é recente e não é posterior ao feminismo e aos *men's studies*. Não obstante, a contribuição destes é de fundamental importância para o processo de desautomatização do olhar social que naturaliza as relações de opressão que servem à dominação masculina. Para essa análise, é importante retomar a ideia de que a identidade é constituída pela diferença e de que, seguindo a concepção de Badinter, a masculinidade é um “conceito relacional, pois só é definida com relação à feminilidade” (BADINTER, 1993, p. 10). Para tanto, a análise será apoiada nos diálogos e momentos de Ricardo com as suas namoradas e sua esposa, bem como os pensamentos que tem a respeito delas. Num segundo momento, será feita uma leitura das informações a partir dos locais da vida íntima desse personagem. Por fim, será tratado como o trabalho e a relação com outros homens moldam os constituintes identitários do personagem.

O caráter moral da personagem Ricardo é fortemente reafirmado nas duas passagens que se repetem no primeiro romance e que surgem como definidoras do personagem principal. Essa perspectiva dicotômica em que o narrador apresenta a personalidade do personagem concorda com o olhar do sociólogo Pierre Bourdieu (2002) e com a perspectiva relacional dos estudos de gênero, além das contribuições do psicólogo Sócrates Nolasco (1990) a respeito dos fatores que influenciam na construção da identidade masculina.

A caracterização do narrador afirma que o personagem tinha o “coração feito mais de carne que os outros” (REGO, 2003, p. 49). Essa metáfora denota que o personagem tinha uma

fragilidade, uma emotividade muitas vezes associada socialmente a uma característica feminina. Outra afirmação recorrente no romance é “o moleque tinha o caráter como o diabo”. Essa expressão “como o diabo”, ao sabor do vocabulário da época, indica um caráter forte, uma hombridade. A expressão abre uma ambiguidade de que esse personagem também poderia ter alguma vileza.

A respeito do aspecto dual da construção da identidade masculina, Nolasco pontua: “Há um princípio construído socialmente e a partir do qual os homens tentarão gerenciar seus afetos. Este princípio, base da identidade masculina, segmenta polarizadamente o feminino do masculino” (NOLASCO, 1990, p. 98). Ainda segundo Nolasco, o crescente individualismo maximizou essa separação. A razão dessa cisão, segundo o autor, parte da busca pelo modelo paterno na tentativa de compreender as transformações sofridas na sua identidade e “está relacionada com os impactos provocados pela expressão das emoções na imagem social que ele deve manter”; portanto, “a identidade masculina gravita à mercê de densas emoções que os homens não sabem nomear ou discriminar” (NOLASCO, 1990, p. 99).

Desse modo, encerram-se no mesmo personagem duas perspectivas de identidade de gênero diferentes. Essa dualidade gera intensos conflitos emocionais no personagem Ricardo. Ao longo deste capítulo, serão analisadas passagens da narrativa em que estão evidenciadas essas características.

Um personagem que, de algum modo, acaba dando um esboço de paternalidade ao moleque é o patriarca, senhor do engenho Santa Rosa, o coronel José Paulino. Ele é o único referencial de masculinidade, de fato, para o moleque. Símbolo máximo do patriarcado, o coronel tinha uma relação de posse com tudo que estava dentro dos limites do engenho, incluindo pessoas: sua esposa, filhos, netos, criados, ex-escravos e trabalhadores. Todos estavam às ordens do coronel José Paulino. Ricardo era um deles. E essas ordens não cessavam: vinham a toda hora e por todos os lados. Ricardo não era um homem livre. O coronel lhe trata de modo áspero e autoritário, sempre aos gritos, até que Ricardo decide ir embora do engenho. Nesse momento, ele se sente livre da relação de subalternidade que havia entre ele e o coronel. Esse primeiro esboço de subalternidade se configura em um dos aspectos da identidade do personagem da qual ele se desvencilha, mas não por completo por toda a narrativa.

Esta atitude do personagem, que envolve coragem e ousadia, é referencial de um ideal de masculinidade com raízes medievais em normas simbólicas que se relacionam à construção de uma identidade de gênero tipicamente masculina. Conforme o historiador Pedro Paulo Oliveira:

O ideal de masculinidade estava ligado ao comportamento que mantivesse compromisso com alguns valores cruciais, tais como lealdade, probidade, correção, coragem, bravura, sobriedade e perseverança. Todos eles se conservarão integrando o ideal moderno correspondente, mas alguns serão transformados, adequando-se aos preceitos da sociedade burguesa. (OLIVEIRA, 2004, p. 22)

Essas normas ou sistemas simbólicos são entendidos como “todo um conjunto de esquemas ou estruturas que já estão incorporados ao ‘imaginário coletivo’” (CULLER, 1999, 186), por se tratarem de sistemas simbólicos, invisíveis e muitas vezes de difícil interpretação e desconstrução. Conseqüentemente, solidificam-se ainda mais. Esta é a sua força. De acordo com Bourdieu, “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BOURDIEU, 2002, p. 18).

“Os efeitos simbólicos de legitimação” (BOURDIEU, 2002, p. 18) se instauram intencionalmente em discursos inseridos no cotidiano e se tornam uma representação de discursos que visam estabelecer uma hierarquia. A organização social do trabalho é estabelecida em tarefas distintas para o homem e para a mulher. Essas tarefas se relacionam com as atribuições sociais aos gêneros.

As tarefas realizadas por Ricardo no Engenho eram voltadas para a organização da casa, diferente dos trabalhadores do eito que tinham tarefas árduas. Enquanto moleque de confiança, embora todo o tempo preso aos mandos do coronel, Ricardo executava as tarefas que lhe deixavam mais próximo aos seus:

A mãe chegou-se para falar: Quando acabar daí, Ricardo, vai dar um banho em Rafael. Ainda tinha muito que fazer, mas foi. O seu último serviço no engenho ele queria que fosse este: lavar o irmão mais moço. Não lavava os cavalos do coronel? (REGO, 2003, p. 32)

O cuidado com os animais e a proximidade com a casa ofereciam ao cotidiano do personagem um fazer mais próximo às tarefas desempenhadas pelas mulheres. Esse fazer era assimilado para a personalidade da personagem enquanto mais um traço de identidade: “O sol ainda se anunciava com dourado nas barras. Nem os passarinhos tinham acordado. Só as vacas para o leite e eles que tiravam o leite das vacas” (REGO, 2003, p.30)

Sobre a divisão de tarefas, enquanto um discurso legitimador da dicotomia entre dominador e dominado, Bourdieu (2002) afirma:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo

o lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 2002, p. 18)

Em outro momento da narrativa, quando o personagem se estabelece em Recife, Ricardo se emprega na casa do condutor do trem e recebe novamente tarefas socialmente construídas enquanto pertinentes ao universo feminino, como cuidar do jardim, às quais ele realiza com zelo e delicadeza: “Pobres craveiros que tanto trabalhavam para os banqueiros de bicho. Ricardo cuidava deles com carinho” (REGO, 2003, p. 45). É possível observar por toda a narrativa um olhar e uma conduta terna do personagem em relação à natureza. É natural para o menino que realiza atividades que envolvem o cuidado desde cedo, cuidava dos irmãos mais novos e dos animais do engenho.

Os comportamentos que compõem o gênero masculino são arraigados socialmente enquanto se compõem de modo relacional inversamente proporcional ao comportamento que compõe o gênero feminino. A conduta terna e delicada do personagem indica que ele se desobriga dessa norma em função do trabalho. Outra característica atribuída socialmente ao feminino é o romantismo ou uma visão menos prática do mundo. Essa dissolução com uma visão prática em relação aos relacionamentos é diversa do que foi estabelecido socialmente como parte de um sistema simbólico masculino.

A respeito disso, surge o primeiro namoro de Ricardo, que foi mais imaginário que real. Nem ele sabia ao certo o que significava, mas cultivava sonhos com Guiomar. Ela trabalhava como criada na casa da cidade de um senhor de engenho. A moça era do engenho também e ria-se para ele:

Ricardo engraçou-se da cabrocha. Já gostava quando chegava a hora de sair para o serviço somente para ver o namoro esperando por ele. Era namoro? Ele mesmo não sabia ao certo. Guiomar, como se chamava, abria os dentes quando via o pãozeiro. O pãozeiro ria-se também para Guiomar. E o balaio saía pesando como se fosse pena na cabeça do negro apaixonado. Ricardo nunca amara assim. No engenho o amor foi marcado com os dentes. Zefa Cajá e as outras só queriam mesmo o coito e mais nada. Guiomar lhe parecia outra. (REGO, 2003, p. 53)

Nesse ponto da narrativa, percebe-se como a moral do personagem é influenciada pelo cronotopo da terra Natal, o Engenho Santa Rosa, em uma visão sobre as relações afetivas através de uma diferenciação entre o amor e o sexo não comum entre os outros rapazes com quem convivia. Embora ainda jovem, nesse momento da narrativa, Ricardo tinha 16 anos. Essas

primeiras experiências com Zefa Cajá serviram de fronteira para as próximas relações do personagem:

Zefa Cajá deixara-lhe pavor pelas moléstias-do-mundo. O negro não tinha fôlego para as noitadas, a luxúria não puxava por ele. Havia uma rapariga por perto de casa onde desconfiado ia fazer as suas precisões. Os companheiros debicavam: Para que está guardando isto, besta? A terra come tudo. E até começaram a suspeitar da virilidade do negro. Será que ele está mesmo de tempos acabados? (REGO, 2003, p. 56)

Nesse ponto do romance, fica nítida a pressão social para que o jovem adolescente encare o relacionamento sexual de forma compulsiva, como uma forma de afirmação de uma virilidade possível apenas para aqueles que prescindem de qualquer tipo de melindre. Ao homem, resta a obrigação de estar sempre apto ao sexo, seja de qualquer qualidade, desde que com uma fêmea passiva, constatando a inabalável virilidade masculina. A respeito das associações entre sedução e afirmação da virilidade masculina, Costa (1993) destaca:

O rapaz é estimulado a conquistar o maior número possível de garotas como uma forma de afirmação de sua virilidade. Novamente, exige-se do homem que não demonstre afeto, que não se envolva, pois o namoro para ele deve oferecer mais oportunidades sexuais do que experiências de crescimento emocional e afetivo. (COSTA, 1993, p. 62)

Segundo Honório (2012), a busca por essa afirmação da virilidade está no cerne da angústia masculina. No entanto, para Ricardo, mesmo sendo muito jovem, essas experiências sexuais não eram a sua busca. O personagem estava envolvido num romance, muito embora mais platônico que real e, através dele, afirmam-se os valores que Ricardo costumava carregar em seu íntimo, tais como casamento e família, que ele pensava em ter com Guiomar:

De noite na rede o moleque ficava lírico, começava a ouvir a cantiga dos padeiros de maneira diferente. Mãe Avelina perdia-se na distância. Guiomar estava mais perto. Guiomar ria-se para ele. A negrinha curava-lhe das saudades de casa. Se um dia tivesse alguma coisa, casaria com ela. (REGO, 2003, p. 53)

O namoro com Guiomar desperta um aspecto importante na personalidade de Ricardo que parece ter sido “herdada” do coronel José Paulino e que é um fator importante na construção do gênero masculino: o provedor familiar. Nesse momento, revela-se a ambição do rapaz:

O que diabos eram noventa mil-réis por mês para o que ele fazia? O povo da padaria bem que tinha razão. O que o galego queria era encher o rabo às custas dele. Foi ao seu Alexandre e falou. O portuga abriu a boca no mundo:

- Dou-lhe almoço e janta, senhor Ricardo. Dou-lhe dormida, o senhor tem um quarto para dormir. Pago-lhe bem, senhor Ricardo. Que mais o senhor, quer?

Mas aumentou dez mil-réis. Porém a raiva a seu Alexandre permaneceu. Era a primeira pessoa por quem sentia repulsa, mesmo ódio. No entanto, o patrão o tratava bem, sem gritos, sem aborrecimentos. (REGO, 2003, p. 56)

Ricardo não gostava do patrão. Alexandre não possuía as virtudes e o caráter do coronel José Paulino. Alexandre era sovina e mulherengo. No pensamento a respeito do patrão, Ricardo sempre punha essa reflexão. No fim das negociações, Alexandre sempre oferece mais dinheiro, mais espaço e mais confiança a Ricardo, mas esse continua com seu julgamento velado ao patrão.

Guiomar transmitia a Ricardo um pudor maior do que as outras garotas. O narrador a compara com as garotas brancas que tinham seus namorados e saíam ao cinema. Através da voz do narrador, pode-se observar que, mesmo sem compreender bem, Ricardo gostava desse jeito da namorada:

Guiomar não saía de casa. A patroa, d. Dondon, não queria. O cinema ali no Espinheiro era perto e até passavam uma fita muito falada. Guiomar não foi ao cinema, não botava os pés por fora daquele muro. Pegou nas mãos dela e Guiomar retirou bruscamente as mãos da grade de ferro, como se um tição de fogo lhe tivesse tocado. Que amor bonito era o de Ricardo. Via as moças brancas pelos portões com os namorados, aos beijos. Por que Guiomar não fazia como as brancas? Por que tinha medo das mãos dele? A negrinha era arisca. Que tinha que ela saísse com ele de rua afora a conversar? Todas as criadas da Encruzilhada saíam com os namorados. Tomavam o trem para passear com os coiós e iam a Beberibe, ao fundão, ao Arruda. E voltaram inteiras, só a sua se encolhia daquele jeito. (REGO, 2003, p. 65)

No entanto, ocorre que Guiomar se mata, ingere veneno. Essa é a primeira grande perda do personagem na trama, um momento de grande desolação. Não fica claro na narrativa se essa personalidade arredia de Guiomar era pudor ou doença. Em outra passagem do texto, o personagem Seu Lucas, jardineiro em uma das casas em que Ricardo entrega o pão, afirma:

O senhor deve estar muito sentido com a notícia, seu Ricardo. Pobre da menina, pouco botava a cabeça de fora. Agora eu bem via que Guiomar tinha qualquer coisa. Aquela alegria só podia ser doença, seu Ricardo! Nunca vi ela que não fosse com os dentes de fora, rindo-se com o tempo. (REGO, 2003, p. 67)

Na narrativa, Guiomar é uma representação do que a crítica feminista designa como mulher-objeto, uma mulher dominada em várias instâncias pelo sistema patriarcal, até mesmo pela patroa, numa relação escravagista. Segundo Lúcia Ozana Zolin (2005) “a *mulher-objeto* define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz”. E era essa que Ricardo gostaria de ter por esposa.

Depois, Ricardo conhece Isaura. Pode-se dizer que Isaura tinha uma personalidade oposta à de Guiomar e pode ser considerada por aquilo que a crítica feminista chama de mulher-

sujeito. Segundo Zolin (2005), a mulher-sujeito “é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição” (Zolin, 2005, p. 219). Ricardo não lida muito bem com isso, mas acaba gostando de Isaura:

O moleque Ricardo andava amando outra vez. O amor de Guiomar rebentara, agora mais sujo, mais violento. O amor dele era mesmo da terra, vivo, de carne, amor melado de luxúria. Engraçara-se de uma mulata mais clara do que ele, a quem entregava pão de manhãzinha. Esta não fugia como Guiomar, não se encolhi a arisca com medo de pegar a mão dele. A moleca gostava de homem que soubesse fazer as coisas: sair de noite para os lugares escuros por onde a luz do gás não descobrisse segredos. A moleca Isaura ensinava ao negro desconfiado. O coração dele batia, assustava-se todo ao pé do muro. Isaura não queria saber do negro assustado. Queria negro, pau para toda obra. E com pouco mais Ricardo sabia de tudo. Mas foi se pegando, se grudando a ela, quando abriu os olhos, não podia mais. Criou paixão, ficou besta pela cabrocha. (REGO, 2003, p. 119)

Contrariando a ordem patriarcal, que estabelece um monumento ao gozo masculino, entendendo que a relação sexual é convencionalmente determinada a partir de um desejo masculino, a iniciativa de Isaura surpreende o moleque. É uma afronta à hierarquia patriarcal:

A iniciativa da mulher, inibidora, perversa, naturalmente instruída nas coisas do amor, opõe-se o ato submetido ao *nomos*, doméstico e domesticado, executado por exigência do homem e conforme a ordem das coisas, a hierarquia fundamental da ordem social e da ordem cósmica. (BOURDIEU, 2002, p. 29)

Isaura é a representação da mulher-sujeito, aquela que decide o que fazer com seu próprio corpo, que decide como se comportar diante dos homens de acordo com seu desejo se tornar perversa e astuta. Segundo Bourdieu (2002), a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação porque:

Está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo - o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEU, 2002, p. 31)

Até o gozo masculino está envolvido numa relação de dominação por parte do homem e submissão por parte da mulher:

O gozo masculino é, por um lado, gozo do gozo feminino, do poder de fazer gozar: assim Catharine MacKinnon sem dúvida tem razão de ver na “simulação do orgasmo” (*faking orgasm*) uma comprovação exemplar do poder masculino de fazer com que a interação entre os sexos se dê de acordo com a visão dos homens, que esperam do orgasmo feminino uma prova de sua virilidade e do gozo garantido por essa forma suprema de submissão. (BOURDIEU, 2002, p. 31)

Na relação entre Ricardo e Isaura, acontece o inverso. Isaura provoca Ricardo, leva ele para os escuros, é ativa na sua sexualidade. Mais adiante na narrativa, as atitudes de Isaura são interpretadas por outros personagens como sinônimos de mau-caratismo. É estabelecido inclusive entre eles suspeitas a respeito da infidelidade da mulher e também de sua perversidade: “Uma vez seu Lucas falou: - Está pegado com Isaura, menino? Cuidado, aquela cabrocha é um pedaço de mau caminho. Pergunte a Leôncio Barbeiro. O moleque murchou na unha dela. Estou dizendo somente” (REGO, 2003, p. 121).

A forma como Isaura de vestia e se comportava também era motivo de preocupação para Ricardo. Ela lia jornais, tinha atitude, opinião e uma postura dominadora: “A negra era falante. Falava como as brancas do Santa Rosa, usava sapatos de salto alto, lia o jornal. Um assombro para o moleque embeijado” (REGO, 2003, p. 119). Ler jornais, um ato quase que integralmente assimilado enquanto tarefa exclusivamente masculina, rompe a ordem binária da divisão de papéis masculinos e femininos. Segundo Pierre Bourdieu, “os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem, assim, sob forma de maneiras permanentes desse servir do corpo, ou de manter a postura, que são como que a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética” (BOURDIEU, 2002, p. 38).

Tudo ia bem entre Ricardo e Isaura até ele proibi-la de frequentar um grupo de carnaval. Isaura não permitiu. Por isso, parou de falar com Ricardo:

Brigara com Isaura por besteira. Há mais de oito dias que ela lhe virara o rosto quando o vira. O moleque afundara em desespero. Outro teria se metido na zona, bebido cachaça para espairer as mágoas. Ricardo não sabia o que era o amor. Conhecia moleques como ele que não davam importância a mulheres. Quis, quis; não quis, dane-se. Era assim que eles argumentavam com as namoradas. Ele, porém, só sabia amar, viver de amor como de pão. Faltou-lhe o pedaço, gemia à toa como cachorro com fome. A moleca mangava dele. Conhecia o fraco do trouxa e vadiava com o coração de Ricardo. A briga fora por nada. Ela quisera entrar no clube do Espinheiro e ele se opusera. Não conhecia ninguém por lá e não ia meter-se num clube de estranhos: Pois eu entro. Ninguém me empata. Nem pai e mãe, quanto mais você. (REGO, 2003, p. 144)

Ricardo sofreu com a separação. Este é o único momento da narrativa em que Ricardo se sente, de fato, um escravo:

Nunca um negro fora mais cativo do que ele. Muito melhor que fosse escravo, que andasse de correntes pelos partidos de cana. Andar com rapariga devia ser bom para aquilo. Iria pegar-se com uma que fosse boa para ele. Uma que deitasse a cabeça o colo e lhe quebrasse os cafunés, uma mulher para ele dormir com ela, comer com ela. (REGO, 2003, p. 146)

A terceira relação importante para a análise da narrativa se trata da esposa de Ricardo: Odete. Ricardo conhecera Odete durante o carnaval, nos ensaios do bloco Paz e Amor. Novamente, foi a mulher quem chamou a atenção de Ricardo:

E quando deixaram a rua do Cisco, na alegria absoluta de todos, o negro vacilou se devia ir ou ficar. Foi. A música tentava qualquerum. Uma moça do Paz e amor gostava dele. Não era como Isaura. Não tinha a fala, a boca da outra, mas era com ela com quem Ricardo se grudava nos ardores do passo. Chamava-se Odete, filha do tesoureiro. A voz dela estalava como de pássaro, os peitos pulavam no corpinho, quebrava os quartos na dança. A moleca era quem puxava por ele. Nem pensava nela. Depois foi vendo que Odete queria se botar para ele. Outras também puxavam. No fim Odete ganhou. (REGO, 2003, p.183)

A princípio, Ricardo gostou de Odete pelo mesmo motivo que gostava de Isaura: “Odete grudara-se a ele de vez. Que negra fogosa. Não se largava mais dele e sentia as pernas dela quando o passo aumentava. O chamego era gostoso” (REGO, 2003, p. 185)

A noiva, porém, parece querer casar somente para obter posição social, que é um valor simbolicamente relacionado ao comportamento feminino. Segundo Bourdieu, esse era o meio de ascensão das mulheres menos favorecidas economicamente:

O casamento continua sendo, para as mulheres, o meio privilegiado de obter uma oposição social; como se, sendo resultantes de um ajustamento inconsciente às probabilidades associadas a uma estrutura objetiva de dominação, as predisposições submissas, que se expressam naquelas preferências, produzissem algo semelhante a um cálculo interessado, bem-compreendido. (BOURDIEU, 2002, p. 49)

Depois do suicídio de Guiomar e do amadurecimento afetivo do personagem através do namoro que tivera com Isaura e a dor da recusa, Ricardo não se interessa pelo casamento com Odete do mesmo modo que no momento em que planejava se casar com Guiomar. Porém, o entendimento do casamento era o mesmo. Ricardo desconfia que Odete não o ama, que pretende se casar somente por *status*:

Ricardo esfriou o resto da noite. Só não se fora, porque o povo estava com sentimento. Mulher era o diabo. Por uma besteira nem mais queria saber de compromisso. Até para ele era bom que Odete se fosse mesmo. Ela não se importava com ele. Os pensamentos do moleque eram bem amargos. Só se casava para sair da rua, para se ver livre do pai, que embirrava em morar por ali. Vira ela os 140 mil-réis por mês e aceitou. Não amava não. (REGO, 2003, p. 238)

Ricardo desconfia que Odete quer se casar apenas para ter uma vida mais estável e isso o aborrece. Essa atitude da personagem contraria o papel dominador estabelecido socialmente

para o homem enquanto provedor e a satisfação que gera nesse homem o poder de dominar pelo dinheiro. Segundo Bourdieu (2002):

Ao fazer intervir o dinheiro, certo erotismo masculino associa a busca do gozo ao exercício brutal do poder sobre os corpos reduzidos ao estado dos objetos e ao sacrilégio que consiste transgredir a lei segundo o qual o corpo (como o sangue) não pode ser doado, em ato de oferta inteiramente gratuito, que supõe a suspensão da violência. (BOURDIEU, 2002, p. 26)

Ricardo se defronta novamente com a instituição masculina lhe aferindo o caráter. Ele casa com Odete, sentindo-se pressionado pelas circunstâncias e pelo pai da moça: “Ricardo compreendeu que o negócio esquentara de fato. E no domingo de manhã foi falar com seu Abílio. Ficou sem jeito na frente do homem. Arrependido de ter se metido naquilo. Enfim animou-se. Queria casar com Odete” (REGO, 2003, p. 201).

Ainda noivo de Odete, Ricardo se envolve novamente com Isaura: “Os cachorros latiam no sítio. A negra encostada no corpo dele queimava como lagarta-de-fogo. Aquela Isaura era uma cobra no amor. Amanhã você vem, Ricardo? Amanhã não. Quando passar com o pão, eu lhe digo” (REGO, 2003, p. 241).

O casamento entre Ricardo e Odete funcionou por um tempo de modo legitimador, no sentido de relação patrimonial, em uma instância de constituição simbólica de identidades de gênero que são inversamente proporcionais. Porém, esse equilíbrio estável foi quebrado com os sucessivos adultérios de Ricardo, que se envolvia novamente com Isaura. Odete sabia que Ricardo não gostava dela e sim da outra. A noiva de Ricardo se enfraquecia através dos ciúmes:

A negra era boa, ele conhecia mesmo que era boa. Uma vez ela chegou a falar:
-Você pensa que eu não sei que você não gosta de mim Ricardo?
-Eu?
-Sim. Eu noto. Disse mesmo à mamãe: Ricardo só casa comigo porque prometeu. (REGO, 2003, p. 243)

Ricardo não se casara com Isaura por seu comportamento audacioso, identificado com o gênero masculino. Por sentir ciúmes, Odete se tornava cada vez mais atrevida na tentativa de prender o marido. Ricardo não aprova o comportamento da esposa:

Odete e Ricardo precisavam mesmo tomar conselho de sinhá Ambrosia mas o moleque era outro, o amor baixara de temperatura, não dava mais força para os beijos. Odete beijava, era mais carinhosa. Sem que ninguém visse, puxava o noivo para perto e agradava, acariciava com a ternura de quem tivesse medo de perder qualquer coisa. O negro tinha vergonha daquelas coisas. Odete não era para aquilo. Por que Odete fazia aquelas coisas feias? (REGO, 2002, p. 245)

Aparentemente, nesse ponto da narrativa, Ricardo julga como coisas feias as carícias da noiva, o que não ocorria com Isaura. É possível que o compromisso inaugure outra instância social para a personagem que se insere na conduta de “mulher honesta”, casada, que não se dá a saliências. A motivação de Odete para tal atitude tinha origem no medo de perder o noivo para a outra. Depois do casamento, os ciúmes continuam. Odete não se sente feliz, passa a ter dores e febre. Acaba tísica e morre em pouco tempo. Ricardo se envolve com o movimento político e acaba preso e encarcerado em Fernando de Noronha.

A respeito dessa falha masculina, das tentativas de manter um relacionamento amoroso, Nolasco pontua que “uma das vulnerabilidades do mundo masculino reside no fato que os homens têm dificuldade para manter ou sustentar as relações que eles conquistam. Na maioria das vezes, excluem das mesmas o empenho necessário para torná-las íntimas e articuladas com o que sentem” (NOLASCO, 1993, p. 100).

Para Nolasco, o envolvimento é um desafio para os homens que não estão acostumados com as implicações desse tipo de relação e, portanto, orbita em torno delas, como se envolver-se com uma mulher se tratasse principalmente de um atentado à racionalidade. Isso se deve aos limites de construção da sua subjetividade. O envolvimento configura uma transparência que os entornos não permitem: “Os homens vivem o envolvimento como um cárcere” (Nolasco, 1993, p. 101).

Talvez, por já estar encarcerado, não foi necessário para Ricardo romper todas as amarras que impediriam o envolvimento com Manuel. Paradoxalmente, na lógica masculina, é mais fácil se envolver com um homem do que com uma mulher: “Na ótica dos homens, estar envolvido com outro homem é estar competindo ou disputando algo com ele, por outro lado, estar envolvido com uma mulher é vivido como ameaça de escravidão e de submissão aos seus caprichos” (NOLASCO, 1993, p. 104).

O pesquisador Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes (2015) apresenta um extenso panorama de como se configura o desejo homoerótico nos contos brasileiros do século XX. Esse desejo é por vezes interditado pelas convenções sociais ainda hoje bastante punitivas a esses modos de amar. Por conta disso, o adiamento e a resistência a esse desejo homoerótico resultam em transformá-lo em nuances de envolvimento conflituoso entre o vínculo afetivo e a amizade. Segundo Fernandes (p. 76), o personagem Quitanilha do conto “Pílades e Orestes” de Machado de Assis é “um ser de papel que personifica o desejo homoerótico silenciado e sublimado, reflete um estado de solidão e carência afetiva que é aliviada e preenchida na e pela companhia do amigo”.

Essa relação de amizade, em que é possível notar uma tensão na designação do vínculo, é vivida por Ricardo e Francisco, o caixeiro da padaria. A amizade começa tímida. Porém, era somente com Francisco que Ricardo ficava completamente à vontade, em silêncio, noite afora: “No tempo de lua Ricardo ficava com o caixeiro mais tempo do lado de fora. O amarelo tinha um jeito especial de contar suas histórias. Enquanto o pessoal da padaria gemia, eles aproveitavam o luar no silêncio da noite” (REGO, 2003, p. 86). O narrador utilizava sempre a mesma ambientação romanesca para a conversa dos dois:

A lua por cima das mangueiras e pelo chão, com a sua alvura de sempre. A rua silenciosa só perdia a sua paz quando a maxambomba apitava por perto. Ricardo e Francisco sentados na calçada iam até tarde, esquecidos de que a noite para eles era curta. Quando não tinham mais o que falar, os dois ficavam calados. Francisco com suas recordações amargas, Ricardo sem saber o que estava pensando. Depois via que era no engenho, no Santa Rosa. (REGO, 2003. p. 106)

Em meio ao desenvolvimento dessa amizade, Ricardo conhece Isaura. O envolvimento deles é diferente e é possível notar o contraste entre a calma das noites com Francisco e o frenesi das noites com Isaura:

O moleque Ricardo andava amando outra vez. O amor de Guiomar rebentara, agora mais sujo, mais violento. O amor dele era mesmo da terra, vivo, de carne, amor melado de luxúria. Engraçara-se de uma mulata mais clara do que ele, a quem entregava pão de manhãzinha. Esta não fugia como Guiomar, não se encolhia arisca com medo de pegar a mão dele. A moleca gostava de homem que soubesse fazer as coisas: sair de noite para os lugares escuros por onde a luz do gás não descobrisse segredos. A moleca Isaura ensinava ao negro desconfiado. O coração dele batia, assustava-se todo ao pé do muro. Isaura não queria saber do negro assustado. Queria negro, pau para toda obra. E com pouco mais Ricardo sabia de tudo. Mas foi se pegando, se grudando a ela, quando abriu os olhos, não podia mais. Criou paixão, ficou besta pela cabrocha. (REGO, 2003. p. 119)

No livro “O mito da masculinidade”, Nolasco esclarece as causas do temor dos homens mediante o envolvimento, principalmente, com as mulheres. Utilizando-se de exemplos dos romances de Marguerite Duras, o autor explica que:

As personagens femininas convidam seus parceiros a mergulhar com eles num denso e caloroso encontro. Os homens recebem este convite como um salto no abismo do desconhecido, e habitualmente temem e se esquivam. Para eles, o controle, a conquista, a desconfiança e o aspecto pragmático estão incorporados a suas identidades como uma característica. (NOLASCO, 1993, p. 106)

Com essa explicação em contraste com as duas relações vividas por Ricardo, pode-se notar quão dramática é a diferença de aproximação entre dois homens e entre homens e

mulheres. A primeira não é aceita e gera uma série de repressões internas e externas. A segunda é aceita e, convencionalmente socialmente, precisa passar pelo crivo da dominação masculina:

Talvez a dificuldade que impede o homem de se entregar aos caminhos e descaminhos de uma relação esteja no fato de que, ao entregar-se, ele distancia-se de uma referência hierarquizada, tradicional conferida a seu papel social. (NOLASCO, 1993, p 107)

O envolvimento ameaça o papel social ao qual os homens estão condicionados e os coloca no limite entre a identificação com o feminino ou o masculino, motivo de conflito e origem da necessidade da reafirmação violenta da masculinidade sobre a violência simbólica que a ordem androcêntrica impõe aos homens:

Os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceber, vítimas da representação dominante. Tal como as disposições à submissão, as que levam a reivindicar e a exercer a dominação não estão inscritas em uma natureza e tem que ser construída ao longo de todo um trabalho de socialização, isto é, como vimos, de diferenciação ativa do sexo oposto. Ser homem no sentido de vir, implica um dever-ser, uma virtus, que se impõe sob a forma do “é evidente por si mesma”, sem discussão. Semelhante à nobreza e à honra. (BOURDIEU, 2002, p. 63)

Em outras palavras:

Ao entregar-se [a um envolvimento] um homem se inscreve fora do campo que já foi definido socialmente para o masculino. A entrega derrete o gelo que envolve o coração dos homens e banha de neblina suas visões sobre o outro. E esta é a lucidez sobre o que se é, e o que se pode sentir, que assusta tanto, porque neste momento o que passa a existir são os movimentos de um homem comum. (NOLASCO, 1993, p. 108)

Em meio ao namoro com Isaura, morre Francisco. Numa cena dramática e carregada de significados, vê-se a despedida dos dois como uma confissão de afeto:

E Francisco deitado no sofá, nas últimas. A viagem de São Paulo, o cafezal, os dois mil-réis por dia, tudo com que o pobre calculava satisfazer a vida, ia-se embora. Os olhos dele caíram em cima de Ricardo, que estava pegando na sua mão, chorando. O moleque não se conteve, não pôde reprimir-se, perdeu a vergonha e chorou na frente do povo. (REGO, 2003, p. 143)

É corriqueiro que o narrador envolva a ambiguidade no desejo homoerótico. Fica à critério do leitor decidir essa trajetória. Entretanto, em “Usina”, é possível acompanhar em detalhes o desenvolvimento da relação que ocorre entre Ricardo e Manuel.

Em Fernando de Noronha, não havia segredos. Todos estavam cientes das vidas uns dos outros. “Ter segredo ali era um luxo dispensável... Ricardo vivia com eles, sem que os crimes de seus companheiros tivessem sobre ele a mínima impressão. Ali havia uma outra vida, era como se tivessem nascido outra vez” (REGO, 2004, p. 25).

Manuel surge na narrativa despersonalizado: “O cozinheiro do médico tirava pena por três mortes e agora nem parecia que era ele, quieto na sua cozinha, como um tigre a quem tivessem cortado as garras” (REGO, 2004, p. 25). O narrador compara Manuel a um tigre, uma metáfora utilizada muitas vezes para altivez e bravura, características que estão associadas ao gênero masculino. No entanto, é um tigre sem as garras, aquilo de que ele se utiliza para se defender. É possível associar essa defesa ao modo como ele luta para defender a honra da irmã.

Segundo Pedro Paulo (2004), a honra é uma característica importante na construção social da masculinidade, ainda que, estando preso, essa honra não lhe sirva tanto. A privação da liberdade associada à impotência de usufruir de seu direito de ir e vir tolhe em Manuel outro fator indispensável relacionado ao poder e à supremacia masculina, desconstruindo sua identidade.

A narrativa dá conta de alguns anos, o que significa que o envolvimento entre Ricardo e Manuel não ocorreu repentinamente, mas que, possivelmente, houve um lento processo de desconstrução de suas identidades. Mais adiante, há os primeiros indícios da aproximação entre os dois:

O cozinheiro do médico, o sertanejo de três mortes, falava a Ricardo de Pajeú de Flores com a boca cheia d'água. Aquilo que era lugar de gente, de abundância. Ele se criara numa fazenda de gado. As terras eram tão extensas que não tinham dono. Boi e bode andavam às soltas. Era um mundo que não tinha limites. Em todo o caso melhor valia a ilha do que a Detenção, a cela estreita, a casa úmida, uma gaiola de pedra e cal. No começo, Ricardo desconfiava dele, aos poucos porém foi perdendo o receio, mas sempre com respeito, tratando o outro como mais velho. (REGO, 2004, p. 27)

Esses primeiros contatos esporádicos entre Manuel e Ricardo vão dissolvendo os interditos sutilmente, de modo que os muitos anos de proximidade entre os dois facilitaram o envolvimento que, aparentemente, ocorre subitamente na narrativa. Porém, esses momentos refletem a mais profunda das relações de Ricardo. O que se estabelece entre Ricardo e Manuel é, antes de mais nada, uma relação de confiança, elemento fundamental para o envolvimento afetivo:

A entrega exige confiança, mesmo que do outro pouco saibamos. Esta confiança se forma a partir de sucessivas experiências afetivas, fazendo com que seja eliminado o medo que o envolvimento gera nos homens. O medo é que o que dificulta a eles estruturarem relações com o coração nu. (NOLASCO, 1993, p. 108)

O nordestino aqui é bem diferente daquele enunciado pelo movimento regionalista, marcado pelas intempéries do clima e pela fome. No entanto, ainda assim, era imperioso pra ele reivindicar a honra da irmã.

A falta de mulheres era um fator marcante promotor da solidão na cadeia:

Uma mulher em Fernando tinha o valor de diamante. Contavam-se no dedo as que existiam por ali. Mesmo os funcionários, que para lá iam, deixavam do outro lado as famílias. Eram poucas as mulheres, em Fernando. O amor também fazia a sua miséria pela ilha. Contavam histórias de crimes conduzidos pelo amor. Uma mulher de mais de sessenta anos provocara uma tragédia, apesar de todas as suas rugas. (REGO, 2004, p. 28)

Assim, era justificável que os homens se envolvessem com os outros homens: “Também na ilha o amor era quase sempre impossível. Os homens se acostumavam da falta de mulheres amando uns aos outros”. Ricardo, porém, hesitava em se envolver com Manuel e, novamente, as lembranças do engenho marcavam o seu senso moral a respeito disso:

No engenho havia no entanto um velho dado àquela história. Era o negro Pereira que tirava esmola para os santos. Chamavam de tio Mané Pereira e ele sempre tinha um moleque fornido, morando em sua casa. Diziam que ele gastava o dinheiro de Nossa Senhora do Rosário com os amigos. O velho Pereira fora escravo e não ia para o eito. Vivia de opa e com prato, com a coroa da Virgem, andando pelas estradas, atrás de esmola. Gostava de viver com homens. Ricardo ouvia os cabras do eito falando da fraqueza do tio velho. (REGO, 2004, p. 28)

Nolasco explica que o conflito de maior eficácia na esfera masculina é o da homossexualidade. Este implica em interditos morais que impedem percepções afetivas para além dessas proibições (NOLASCO, 1993, p. 125). E acrescenta:

O apelo sexual que circunda os homens, aliado a um estado de alienação da dinâmica e dos significados de suas subjetividades, torna-os escravos dos próprios desejos, na medida em que não se sentem livres para dizer não aos apelos da ordem social. São tantos os obstáculos que se interpõem entre dois homens que, uma vez proibidos de estabelecerem contato uns com os outros, resta senão reproduzirem mecanicamente o que está definido em seu papel social. Desta forma, ficam impossibilitados de realizarem a partilha de seus sonhos e dores mais íntimos, sem o que não há como caminharem em direção a seus desejos e realizarem relações de encontro e entrega. (NOLASCO, 1993, p. 128)

O autor aponta que, dentro da esfera da intimidade, os homens introjetam a ideia de que, para se envolver com outro homem, devem agir ou se sentir como uma mulher (Nolasco, 1993, p. 124). Nesse caso, trata-se do modo como Manuel era visto em Fernando de Noronha. Relutante, Ricardo começa a compreender e aceitar a nova realidade e, por fim, envolve-se com Manuel:

Ali em Fernando a coisa era outra. Os homens-mulheres não eram raros como no engenho. Seu Manuel cozinheiro era um. Não havia mais dúvida. A princípio Ricardo teve medo, uma vergonha maior do que aquela de amar sozinho. O tempo porém foi dando costume às suas repugnâncias. Lembrava-

se bem daquela noite escura, um vento furioso soprava forte. Viria chuva na certa. A gameleira sofria, o médico trancado no quarto e ele pensando em muita coisa fora dali do degredo. Então ouviu que batiam na porta. Uma voz soprada, chamando por ele. Ficou com medo, medo de um crime, de uma aparição de alma. Tremia na rede quando a voz se elevou mais:

- Abra, menino, sou eu.

Uma voz angustiada, uma voz de quem se humilhava até o mais baixo.

- Abra, menino, sou eu. (...)

Quando ele se foi, Ricardo pensou em muita coisa mas depois um sono pesado pegou-o na rede até de manhã, com o sol alto. O médico nem estava mais em casa. Seu Manuel já tinha feito todo o seu serviço. Estava alegre e cantava uma moda qualquer, muito feliz, muito contente da vida. Ricardo não quis olhar para ele. Terminou olhando porque os agrados do cozinheiro, a cara alegre não consentiam naquela cerimônia. (REGO, 2004, p. 29)

Para além desses obstáculos, há o momento da entrega vivido por Manuel indo até o quarto de Ricardo e depois Ricardo concordando com o tratamento de Manuel. Sobre o momento da entrega, Nolasco afirma:

A entrega viabiliza ao mesmo tempo a satisfação do encontro e da cumplicidade com o outro e uma rede de identificações e complementariedades entre os sujeitos dentro da relação. Ao entregar-se, o indivíduo abdica da necessidade de controlar o que cerca, para despojado, compor com o que emana de uma relação. Para que isso aconteça, o esforço deve proceder de ambos os lados. (Nolasco, 1993, p. 107)

Após a entrega, quando Ricardo finalmente se envolve afetivamente com Manuel, o menino encontra o que procura durante toda a narrativa, que é possível entender dentro do conceito de abrigo de Bachelard. É um momento de intimidade que remete à casa natal, dentro de uma conjuntura que não parecia mais a prisão de Fernando de Noronha:

Ricardo deixava-se ficar assim. Era um gozo, uma volúpia desesperada com que ele passava o dia a sonhar, aquela de sentir-se bem perto de seu Manuel, o homem de quem no começo tivera medo, e sentir aquelas mãos que se ensanguentaram alisando a sua cabeça com a delicadeza que nem Isaura e nem Odete souberam ter. Esquecia-se de tudo, esquecia-se da ilha, do vento que corria, do mar que gemia, de tudo que não fosse aquilo que lhe dava Manuel de Pajeú de Flores, com trinta anos tirados no júri. (REGO, 2004, p. 32)

A partir dos carinhos de Manuel, Ricardo se defronta com um traço inesperado da personalidade de Manuel: a delicadeza, algo inesperado na conduta masculina pelos fatores já mencionados anteriormente. Esse elemento surpresa é enfim o artifício que faltava para o encanto de Ricardo, algo que o menino nem se dera conta que procurava e que lhe era essencial. A sua admiração por Manuel só se intensifica à medida que Ricardo conhece suas qualidades.

Naquela relação, não havia expectativas. Manuel era somente um criminoso. Porém, demonstra-se mais terno e humano que muitos a quem Ricardo conhecera na sua trajetória.

A relação com Manuel marca profundamente o processo de subjetividade de Ricardo. Este finalmente elabora e exterioriza a mensagem que sintetiza toda a sua angústia vivida durante as narrativas:

E uma coisa tomava conta de Ricardo. Ele mesmo fosse dizer o que sentia não poderia. Não sabia bem se era frio aquilo que entrava pelo seu coração. Era uma ânsia, uma vontade de gritar naquele carro para todo mundo: Eu sou Ricardo, moleque de cria que trazia os jornais da estação, que fuji, que me danei pelo mundo, que estive em Fernando, que vi gente morrer, que vi homem na cama dos outros. Eu sou um negro infeliz, sem amigos, sem mulher, sem vontade de amar. (REGO, 2004, p. 55)

Ricardo encontra enfim a cumplicidade que procurava e é de Manuel que se lembra na hora da morte:

Depois levaram Ricardo para a casa da Mãe Avelina. O moleque, estendido na cama da mãe, só tinha de vivo os olhos, andando de um lado para outro. Avelina passava a mão pela cabeça, alisando. Seu Manuel, na ilha, fazia aquilo. Era a mão de seda de seu Manuel que ele estava sentindo. (REGO, 2004, p. 223)

Por último, ressalta-se que a trajetória de formação do personagem Ricardo dentro das narrativas “O Moleque Ricardo” e “Usina” se torna um manancial de emancipação para o masculino submetido à norma truculenta de uma ordem de dominação patriarcal.

Com essa análise, constatou-se a necessidade da colocação de um olhar mais estendido dentro dos estudos culturais para a construção do gênero masculino dentro da literatura brasileira. Além disso, demanda-se o diálogo com seus recortes regionais para a ampliação das discussões dos espaços em que necessitam uma desautomatização de um modelo de masculino impertinente que permanece desastrosamente nos dias atuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo, buscou-se compreender quais mecanismos culturais formam a identidade masculina num recorte regional e brasileiro. Ao longo da dissertação, percebe-se o modo como as identidades estão estabelecidas na cultura ocidental de forma dicotômica e a hierarquia que envolve os valores associados ao masculino. Este masculino é definido ao longo dos séculos por um modelo ideal inatingível, que tem como referências virtudes associadas à razão, *status* e poder.

Este modelo ideal, hegemônico, baluarte da masculinidade, estabelece uma hierarquia entre as formas de masculinidade que não se adequam a esse ideal e a tudo que está relacionado ao feminino. As incessantes tentativas dos homens de se enquadrarem nesse ideal são motivo para diversos conflitos e desaguam na crise de masculinidade que se declara no século XX.

Geralmente, encontra-se dentro da literatura regional nordestina um modelo hegemônico relacionado à aridez da região, à figura do cabra-da-pestes. Este é fruto de um discurso criado pelo regionalismo e que associa ao Nordeste a imagem de virilidade, capaz de servir de baluarte à masculinidade brasileira.

Percebe-se, porém, na literatura de José Lins do Rego, um personagem ligado afetivamente à sua terra. Sua trajetória perpassa dois romances do escritor “O Moleque Ricardo” (1935) e “Usina” (1937). Nestes romances, Ricardo vive uma verdadeira jornada em busca de sua libertação.

Observou-se na análise, através do olhar sociológico de Pierre Bourdieu, Badinter e Nolasco, o modo como o personagem é marcado pela crise da masculinidade e tenta, sem sucesso, adequar-se ao modelo hegemônico. O espaço, na narrativa, oferece as nuances plurais para o entendimento das relações do personagem Ricardo com os outros personagens.

Não se pretende com este trabalho esgotar as potencialidades envolvidas na construção do personagem Ricardo, mas compreender que há muitas possibilidades de construção do gênero masculino na literatura paraibana de José Lins do Rego.

Ao longo desse trabalho, procurou-se entender a que conceitos estão associados e ancorados os constitutivos identitários do masculino no personagem Ricardo. Primeiramente, buscou-se compreender, através do trabalho de Oliveira (2004), como surgiram os ideais de valentia, honra e caráter que estão no cerne das enaltecidas virtudes masculinas e se apresentam nas atitudes do personagem em toda narrativa. As considerações de Connell a respeito da masculinidade hegemônica foram importantes para compreender as dimensões hierárquicas em que estão inseridas as masculinidades e como isso gera um conflito para os homens que precisam

corresponder às expectativas de um padrão inatingível. Com isso, é possível entender que esse é um grande conflito vivenciado pelo personagem. É um fator subjacente que movimenta o personagem a encontrar um lugar em que se sinta honrado suficientemente para sanar este conflito.

Os estudos de gênero são fundamentais para compreender essas concepções cristalizadas de feminino e masculino e encontrar caminhos para essa desconstrução. As transformações ocorridas na sociedade desde o movimento feminista na década de 1970 ainda caminham lentamente para uma verdadeira igualdade de gênero. O sociólogo Pierre Bourdieu aponta as bases que freiam esses avanços e que tornam permanente a dominação masculina.

As relações dicotômicas entre homens e mulheres e a divisão social do trabalho fazem parte de sistemas simbólicos que objetivam preservar a ordem androcêntrica que o modelo hegemônico de masculinidade perpetua, calcado na racionalidade, na dureza e em detrimento de outras masculinidades e de tudo que corresponde ao que é feminino. Essas relações são estabelecidas dentro de um padrão dominador/dominado que legitimam os papéis sociais atribuídos aos gêneros.

Estes padrões de gênero conduzem, inclusive, as relações afetivas na sociedade. Portanto, os trabalhos de Bourdieu (2002) e Badinter (1993) foram essenciais para a análise das relações afetivas dos personagens de José Lins do Rêgo. No que concerne o envolvimento entre os personagens, utilizou-se as contribuições de Nolasco (1993) e foi possível compreender os fatores que envolvem esses sistemas simbólicos e impedem que o homem se envolva afetivamente. Esse foi um drama vivido por Ricardo na tentativa de se envolver com as suas namoradas e esposa e, apenas depois de preso, após o encontro com Manuel, Ricardo consegue enfim o envolvimento que buscava e isso marca profundamente sua subjetividade.

Com isso, na tentativa de tentar compreender os alicerces constitutivos do gênero masculino, depara-se com um gênero que abarca características tanto convencionadas socialmente para o gênero feminino, quanto para o masculino. Porém, elas surgem condicionadas violentamente a uma masculinidade ideal e inatingível.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval M. de. A Invenção de um Macho. *In*: ALBUQUERQUE JR, Durval M. de. **Nordestino**: invenção do “falo”: uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 137-229.
- ALENCAR, José de. **Lucíola**. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- ARAÚJO, Karin Bakke de. **Cronotopo e Epifania nos Romances O Moleque Ricardo e Usina, de José Lins do Rego**: trajetória de formação da personagem Ricardo. 2011. 105 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BADINTER, Élisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1993.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II**: As formas do tempo e do cronotopo. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura**: Introdução à Topoanálise. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002.
- CANDIDO, Antonio. Um romancista em decadência. *In*: CANDIDO, Antônio. **Brigada ligeira**. São Paulo: Martins, 1945. p. 63-70.
- CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego**: nordeste e modernismo. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.
- CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-242, 2013.
- COSTA, Moacir. **Sexo**: o dilema do homem; força e fragilidade. São Paulo: Gente, 1993.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.
- CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999
- FEITOSA, Lurdes Conde. O Amor entre iguais: o universo masculino na sociedade romana. *In*: ESTEVES, Anderson Martins; AZEVEDO, Katia Teonia; FROHWEIN, Fábio. **Homoerotismo na Antiguidade Clássica**. Rio de Janeiro: UFRJ - Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2016.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. **Revista Estação literária**, Londrina, v. 16, 2016.

FERNANDES, Carlos E. A. **O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX**. São Paulo: Scortecci, 2015.

GRIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: Contribuições de um sujeito histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], p. 47-57, 2005.

HONÓRIO, Maria das Dores. Cabra-macho, sim senhor! Um estudo sobre a masculinidade no nordeste do Brasil. *In*: Seminário Nacional de Sociologia & Política UFPR, 1., 2009. **Anais [...]** [S. l.: s. n.], 2009.

HONÓRIO, Maria das Dores. **Cachaceiro e raparigueiro, desmantelado e largadão!**: Uma contribuição aos estudos sobre homens e masculinidades na região Nordeste do Brasil. 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, UNESP, Araraquara, 2012.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Tradução Luiz Felipe Guimarães Soares. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, 2000.

NOLASCO, Sócrates Alvares. **O mito da masculinidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NUNES, Cristina Oliveira Nunes. Um estudo da representação da mulher prostituta em Lucíola, de José de Alencar. **Graduando: entre o ser e o saber**, Feira de Santana, v. 9, n. 12. p. 53-66, 2018

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

PROENÇA, M. Cavalcanti. O negro tinha caráter como o diabo! *In*: CASTRO, Ângela B. de. **José Lins do Rego**. Coleção Fortuna Crítica. v.7. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

REGO, José Lins do. **Usina**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica Sociológica. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2005.

SILVA, Mirian Cardoso, COQUEIRO, Wilma dos Santos. A representação da mulher na sociedade patriarcal do século XIX: uma leitura de Fogo Morto. *In*: EPCT [Encontro de Produção Científica e Tecnológica], 6., 2011. **Anais [...]** Campo Mourão: FECILCAM/NUPEM, 2011.

SOETHE, Paulo Astor. **Ethos, corpo e entorno**: sentido ético da conformação do espaço em Der Zauberberg e Grande sertão: veredas. 1999. Tese (Doutorado em Literatura Alemã) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 07-72.

VEYNE, Paul. O Império Romano. *In*: VEYNE, Paul. **História da vida privada**: do Império Romano ao ano mil. v. 1. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ZOLIN, L. O. Crítica feminista. *In*: BONICCI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.) **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2005. p. 181-203.